

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Tecnologia e Ciências
Escola Superior de Desenho Industrial

Biatriz Silva de Sousa e Sousa

Entre Dados e Mulheres:

Um olhar visual sobre as mulheres da ESDI entre os períodos de 1963 e 1974.

Rio de Janeiro

2023

Biatriz Silva de Sousa e Sousa

Entre Dados e Mulheres:

Um olhar visual sobre as mulheres da ESDI entre os períodos de 1963 e 1974.

Orientadora: Bianca Martins

Rio de Janeiro
2023

Agradecimentos

Devo atribuir a algumas pessoas esta finalização, sem elas não seria possível escrever este projeto.

A minha irmã, Bruna, minha melhor amiga, nada se compara às nossas conversas e momentos juntas.

A minha psicóloga, Rosângela Ribeiro, não posso mensurar o quanto que me ajudou durante todos estes anos.

Ao meu namorado, Caio Barbosa, por me mostrar que há homens dispostos a escutar, ouvir e respeitar.

A minha amiga, Vitória Cerquêda, por marcar a minha trajetória dentro da faculdade fazendo trabalhos a altas horas da noite e conversando sobre tudo, menos o trabalho.

Ao meu amigo, Maurício Nascimento, por me escutar em momentos delicados.

A minha mãe, entre erros e acertos, foi vítima tanto quanto eu.

Sumário

1. Introdução.....	5
1.1 Objetivo Geral.....	8
1.2 Objetivos Específicos.....	9
1.2 Métodos.....	9
3. Feminismo: lutas históricas das mulheres.....	13
4. Contextualização de 1960.....	15
4.1 Mundo.....	15
4.2 Brasil.....	17
4.3 Mulheres na década de 60.....	18
4.4 Enquanto ao design.....	19
4.5 No Rio de Janeiro.....	24
5. Primeiro anos da década de 1970.....	27
5.1 Mundo.....	27
5.2 Brasil.....	28
5.3 Mulheres década de 70.....	29
5.4 Enquanto ao design.....	29
5.5 No Rio de Janeiro.....	32
6. Linha do Tempo: Brasil.....	32
7. Arquivo da ESDI.....	34
8. Mulheres e escolas de design: Bauhaus, Vkhutemas e Ulm.....	36
8.1 Bauhaus.....	36
8.2 Ulm.....	37
8.3 Vkhutemas.....	38
9. Resultados e discussão.....	39
9.1 Comparação de homens e mulheres de cada turma de 1963 até 1974.....	46
9.2 Mas quantas se formaram?.....	47
9.3 Estado Civil.....	48
9.4 Nacionalidade.....	49
9.5 Qual era a idade destas alunas?.....	50
9.6 Onde moravam?.....	51
9.7 Desenho Industrial ou Programação Visual?.....	54
10. Produto Final:.....	55
10.1 Tipografia.....	56
10.2 Paleta de Cores.....	56
10.3 Elementos de apoio.....	57
10.4 O slide.....	57
11. Considerações Finais:.....	69
12. Referências.....	71
13. Anexos.....	75
14. Apêndice.....	77

1.Introdução

Me chamo Biatriz, sou estudante da Escola Superior de Desenho Industrial desde o ano de 2020 e desde setembro de 2022 sou bolsista do Projeto de Extensão Acervo ESDI, coordenado pelo prof. Guilherme Altmayer. Ao longo do meu estudo no acervo da escola, algumas inquietações me vieram a respeito do perfil das discentes nos primeiros anos da ESDI. O primeiro curso de design destinado a formação superior no Brasil em Design, trazia influências europeias, e até perfis de fora para dar aula nos primeiros anos e ditar as diretrizes da recém formada escola.

O processo seletivo contava com diversas etapas, como provas de línguas, conhecimentos gerais e vocacionais. Não obstante, eram necessários uma entrevista e apresentação de portfólio. Diante destas informações me perguntei ***‘Que tipo de perfil poderia no Brasil da década de 60 passar por todas as qualificações e entrar nesta escola?’*** ou melhor ***‘Para quem esta escola era projetada?’*** Eu tinha algumas suspeitas sobre o perfil destes alunos, mas queria dar ênfase ao gênero e classe nesta pesquisa.

Eu, como aluna da graduação da Escola Superior de Desenho Industrial no curso de Design na Lapa e moradora de Queimados, Baixada Fluminense, queria saber se outros perfis como o meu poderiam ter estudado nos primeiros anos no curso.

Para além desta motivação, os fatores gênero e classe são motivos que me atravessaram durante toda a minha vida, de maneira avassaladora e dolorosa. Cheguei até mesmo ao ponto de adoecer e me ver entre a vida e a morte. Como jovem mulher cresci com constantes importunações sexuais na rua, principalmente em transporte público, quando ia à escola. Infelizmente, em casa a agressão psicológica e física também estavam muito presentes. E sempre os agentes destas diversas agressões eram um grupo específico, homens.

Como moradora de Queimados, sempre vi descaso com a cidade nos meus deslocamentos entre bairros, pois estudava na infância até adolescência no bairro de São Cristóvão, na Zona Norte do Rio, no Colégio Pedro II. Comecei a perceber durante minha trajetória de casa para a escola, como a paisagem mudava, como acesso ao lazer mudava, como acesso a melhores oportunidades mudava. Se tornou parte de mim perceber o abismo social que me encontrava ao ponto de ser motivo de chacota por colegas.

Queria desistir do colégio, mas para não sair, mudei de unidade para estudar na unidade Realengo, uma escolha muito feliz, porque foi ali que vi

mais gente da minha realidade e por consequência fui mais acolhida. Mas foi a educação que tive que de fato me salvou, nas aulas de história, sociologia, geografia e filosofia que pude entender melhor os motivos de onde eu estava no mundo. Com esta carga que entrei na faculdade e foi com este olhar que direcionei a minha pesquisa de trabalho de conclusão de curso.

O gênero é um objeto de estudo multidisciplinar, que vem sendo debatido e estudado por campos, como a antropologia, psicologia e biologia. Ele é um conceito definido muitas das vezes por valores de uma sociedade, normais de conduta definidas pelo senso comum. Revelando assim, um papel social atribuído ao sexo biológico, e isso é muito diferente da suposta 'naturalidade' que o conhecimento popular defende, como ordem natural das coisas. Assim, as mulheres foram deixadas à margem na sociedade ao longo da história, até os dias de hoje. É importante ressaltar, que as mulheres que aqui serão estudadas são por completo mulheres brancas cisgênero, e mesmo se houve algo que fugia a este padrão, não houve achados no acervo que os categorizam. Um exemplo desta não preocupação da escola em discutir estas pautas, é que sequer tinha categorias para classificação de raça, no formulário de inscrição quando os alunos se matricularam. Assim, saliento que dentro do objeto de estudos *mulheres da Escola Superior de Desenho Industrial* no curso de design, pude perceber ao longo deste estudo a presença da interseccionalidade de fatores sociais. Porém, não houve sequer a chance de explicitar estes outros agentes, como raça e transgêneridade, pois eles não existiram, na ficha das alunas.

Nos debates sobre design na Bauhaus (1919-1933) pavimentando uma ponte entre artesãos e a indústria, o corpo docente já se compunha inteiramente por homens, o fundador Walter Gropius, e os professores Johannes Itten, Lyonel Feininger e Gerhard Marcksse. Apenas mais tarde apareceram alunas que viriam a ser professoras, como Marianne Brandt que se destacava nas oficinas de metais e Gunta Stölzl na área de tecelagem, porém em menor quantidade comparativamente.

O campo do design é predominantemente masculino em realizações durante a sua história, e suas produções são mais cuidadosamente registradas, disseminadas e ensinadas em sala de aula, enquanto as produções das mulheres não seguem o mesmo caminho. Seguindo uma lógica patriarcal¹, não ganham a mesma visibilidade e relevância na história. Mesmo nos dias de hoje, século XXI, com ideias feministas e mais mulheres discutindo sobre um maior protagonismo, ainda há maior predominância de homens.

¹ Relações de poder, onde há domínio do poder primário dos homens sobre as mulheres e a todos que não seguem o padrão.

De fato, as omissões são tão avassaladoras e os raros reconhecimentos tão breves e marginalizados, que percebe-se que esses silêncios não são acidentais e aleatórios; são, na verdade, consequências diretas de métodos historiográficos específicos que constituem a história do design (BUCKLE,1986). Embora, haja uma agenda intensificada na década 2010 e 2020 no sentido de abordar, resgatar e reafirmar a abordagem feminista do design, ainda são poucos os conhecimentos de designers mulheres internacionais disponíveis. O problema piora quando refinamos a busca a designers nacionais, pois o número fica ainda menor.

No mesmo sentido, o volume de conhecimento aberto² sobre a história do design disponível online é, em 2023, bastante escasso, e em português a situação é ainda mais crítica. Ao longo da graduação é possível notar a carência de fontes sobre a história do design no Brasil na internet.

Essa pesquisa se definiu também pela observação desse problema, aliado a minha participação no projeto de iniciação científica intitulado *História do Design via Redes Digitais de Conhecimento Aberto*, que objetiva investigar arquivos referentes à fundação da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI/UERJ), eventos importantes como as celebrações ao longo do 60 anos da escola, e mais documentos relevantes nos critérios da nossa seleção, para processo de digitalização e nomeação dos novos arquivos digitais, que posteriormente tem o objetivo de serem postados online, com a finalidade de contribuir com uma maior diversidade de conteúdo de design no Brasil.

Durante esse trabalho me deparei com outros recortes dentro do design, ainda pouco abordados e com pouca divulgação aberta. Lendo muito sobre as outras escolas como Bauhaus em relação às mulheres, e estudando sobre mulheres no campo, porém esquecidas na história, me veio o interesse em delimitar um recorte e trazer este assunto para a Escola Superior de Desenho Industrial.

Devido ao problema de um grande volume de documentos a serem analisados no arquivo, me limitei a analisar apenas as turmas anteriores à integração à UERJ, dos anos de 1963 a 1974. Há divergências sobre o período em que a ESDI foi integrada a Universidade Estadual do Rio de Janeiro, para esta pesquisa foi consultado alguns documentos para confirmação desta informação. O livro *“ESDI: biografia de uma ideia”* (1996) de Pedro Luiz Pereira consta que a escola foi integrada em 1975, porém outra leitura de Lucy Niemeyer *“Design no Brasil: Origens e Instalação”* (1998)

²Conhecido também como (Open Science) é um movimento que tem como finalidade compartilhar conhecimento científico para qualquer pessoa acessá-lo, utilizá-lo, modificá-lo e compartilhá-lo

relata que foi em 1973. Para sanar esta dúvida foram consultados os arquivos de administração do acervo da ESDI e foi encontrada a resolução de número de 444 que incorporava a escola à Universidade do Estado do Rio de Janeiro em abril de 1975.

A longa falta de notoriedade das mulheres em quase 200 anos de design, ao lado das razões para o predomínio dos homens na profissão, foi pouco teorizada - a história social das designers, portanto, ainda precisa ser escrita (SCHNEIDER, 2010 pg. 250).

Por todas as explicações citadas, o assunto se provou justificado a dar uma nova atenção, sob uma nova lupa. Com esse objetivo, vou utilizar de referências bibliográficas para a escrita, acessar o arquivo da ESDI para investigação sobre o número de mulheres que passaram pela escola durante o período de 1963 até 1974, antes da escola se integrar à UERJ.

Gostaria de relatar que no período do anteprojeto deste trabalho de conclusão de curso, entre abril e julho de 2023, os objetivos do projeto eram outros. Haviam outros caminhos a serem estudados tendo como objeto de pesquisa as mulheres da ESDI. Inicialmente a intenção era analisar os 60 anos da escola, observando a inserção das estudantes, analisando os seus tccs, fazendo entrevistas com alunas de cada década, contagem de quantas alunas se matricularam desde 1963 até 2023 e atualizar verbetes da Wikipedia, a fim de disponibilizar todo o conhecimento adquirido nesta pesquisa de forma aberta e gratuita pro público.

Pela grande carga de trabalho, decidi focar neste período de agosto até dezembro de 2023, em apenas a visualização de dados entre os anos de 1963 a 1974. Acredito que focar em apenas uma parte traria como consequência um trabalho mais rico, detalhado e melhor executado. As ideias iniciais são válidas e boas, podendo ter desdobramentos em uma pós graduação, dando continuidade a este objeto de estudo.

1.1 Objetivo Geral

Esta pesquisa tem como objetivo observar e evidenciar visualmente o perfil das mulheres alunas da ESDI durante os anos de 1963 a 1974, a partir dos dados que constam do arquivo da escola, com a intenção de fornecer dados que favoreçam um debate crítico acerca do perfil destas alunas e suas interconexões com o contexto da época.

1.2 Objetivos Específicos

- Compreender o contexto político da década de 1960 e começo da década de 1970;
- Compreender outros modelos de escola de design em relação às mulheres anteriores à ESDI: Bauhaus, Ulm e Vkhutemas;
- Acessar o acervo da ESDI e começo de uma pesquisa exploratória definindo as principais perguntas a serem feitas sobre estas mulheres;
- Desenvolver um processo curatorial e registrar os dados em planilha conforme diretrizes definidas na pesquisa;
- Produzir visualizações de dados que favoreçam um debate crítico acerca do perfil destas alunas e suas interconexões com o contexto da época.

1.2 Métodos

Para atingir os objetivos da pesquisa exploratória nos arquivos da ESDI, a fim de estudar o perfil destas alunas do ano de 1963 a 1974, foi preciso um processo de imersão absoluta dentro do acervo com tempo dedicado a leituras das pastas das alunas. Ao passar este tempo me perguntei: *Isso está me contando uma história, mas qual história poderia contar?* Ao ler os nomes dessas mulheres me perguntei: *quem eram?* Cada tipo de arquivo contava uma história sobre aquela estudante. Nelas era possível ter diversas informações referentes a exigências da escola para matrícula, como certidão de nascimento, cartão de vacinação, o próprio formulário de inscrição devidamente preenchido, comprovação de conclusão do ensino médio e como foi a sua trajetória dentro da escola.

Em meio a todas estas informações me vem à mente, *por onde começar? Quais dados irei olhar? Como planificar tudo isso?* Para isso, decidi fazer um recorte em quais dados seriam selecionados para ser

analisados para esta pesquisa, em adição de deixar tudo mais dinâmico e objetivo, além de poupar tempo, visto que o tempo no arquivo é limitado e volume de informações para registro seria enorme e demandaria um tempo muito maior.

Meu foco nos arquivos das alunas foi direcionado ao formulário e ao outro registro da passagem da estudante na escola. O motivo de ter escolhido estes documentos foi que o formulário de inscrição, é a porta de entrada das estudantes ao curso e traz dados interessantíssimos, como a idade, onde mora e opção do curso feito pela aluna. Outro documento importante achado dentro das pastas das alunas é o registro da trajetória da estudante dentro da faculdade. Nele constam informações como: em que ano se formou, ano que fez determinado semestres do curso e casos de trancamento e destrancamento de matrícula. Este último documento citado e o formulário de inscrição, foram os focos da pesquisa, analisados com mais atenção.

Figura 1: Currículo Escolar

Currículo/Escolar

Nome: Vania Maria Maya de Albuquerque
 Filiação: Fernandes Monteiro e Maydeé Maya Monteiro
 Curso: Desenhista Industrial/ESDI

Vestibular - 1971

Prova de Português - 60
 Prova de História e Geografia - 68
 Prova de Matemática - 88
 Prova de Língua (Inglês) - 68

1971 - Ciclo Básico

<u>Matérias</u>	<u>Conceitos</u>
Ciências da Comunicação	Bom
Metodologia Visual	Bom
Meios e Métodos de Representação	Bom
Estética e História das Artes e Técnicas	Ótimo
Matemática	Ótimo
Desenho Técnico	Bom
Fotografia	Bom
Estudos de Problemas Brasileiros	Ótimo
Plástica	Suficiente
História de Desenho Industrial	Regular
Física	Regular/Bom

1974 - 2º ano

<u>Matérias</u>	<u>Conceitos</u>
Materiais Expressivos e Técnica de Utilização	Bom/Ótimo
Estudos de Problemas Brasileiros	Bom
Expressão	Bom
Planejamento Projeto e Desenvolvimento	Bom
Desenho	Bom
Expressão em Superfície Volume e Movimento	Regular
Antropologia/Sociologia	Regular

Fonte: Arquivo da ESDI

Figura 2: Formulário de inscrição

Estado da Guanabara
Secretaria de Educação e Cultura

ESDI Escola Superior de Desenho Industrial

formulário de inscrição



nome Gilda de Castro Silveira
data do nascimento 14-12-1936
natural de Rio de Janeiro - GB
nacionalidade Brasileira
residência Rua Hilário de Gouveia 120/401-007.
estado civil Solteira
nome e profissão do pai Cesar da Cunha Silveira
Funcionario Antarquico
nome da mãe Sylvia de Castro Silveira
formação escolar Primário e Ginásio-Col. "Stella Maria"
Curso Científico -Col. "Helo e Sousa"
prêmios Curso Universitario-P.N.de Arquitetura
diplomas Arquiteto
publicações
conhecimento linguístico Inglês e Francês
curso a seguir Desenho Industrial
(desenho industrial ou comunicação visual)
data 5-7-63
assinatura *Gilda de Castro Silveira*

Fonte: Arquivo da ESDI

A partir da leitura, foram feitas planilhas tabulando estes dados, seguindo a ordem por turmas, a primeira de 1963 a 1974. Listadas todas as alunas que se matricularam em cada ano, dados estes disponíveis no acervo para consulta.

O processo de tabulação na construção inicial das planilhas seguiu em quais perguntas queria responder: quantas alunas optaram por comunicação visual ou desenho industrial, se tinha concluído a graduação, o seu estado civil, onde morava, sua idade e sua nacionalidade. Conforme a pesquisa foi avançando houve uma percepção da potência de enriquecimento destes dados, olhando para desistências ao longo da graduação das alunas, potenciais comparações com os dados dos homens no curso nos dados que estava tabelando, porém o tempo para finalização do projeto era curto e por isso me detive seguir os dados iniciais de análise,

pois o trabalho de catalogar as informações na planilha era manual. Com isso foram analisadas 156 mulheres no total, porém não foram todos os gráficos que se usou este total. Isto se deu por alguns motivos: Havia uma ficha de inscrição que se perdeu dos arquivos de uma das alunas, logo dados como data de nascimento, onde moravam e nacionalidade contaram com apenas dados de 155 mulheres. Os gráficos de opção de curso no total foram 75 mulheres analisadas, pois a escolha, programação visual ou desenho industrial iria até 1969 já que no ano seguinte, em 1970 não havia mais escolha de especialidade. Logo foi considerado os anos de 1963 a 1969. E por último, no gráfico feito do município do Rio de Janeiro foram levadas em conta 146 mulheres, pois o objetivo do gráfico era apenas as que moravam no município.

Foi usada uma planilha do google, que pode ser encontrada através do link: [Planilha mulheres](#), para o tabulamento de todas as informações e auxílio na criação da visualização de dados.

Depois da tabela com todos os dados brutos obtidos e achados relevantes para a pesquisa, foi orientado pela professora Bárbara Castro a levantar perguntas relevantes e produzir visualização de dados de acordo com a necessidade de representação a cada pergunta. Para a realização da representação de dados foi usado o flourish.

2. Porque ainda é preciso falar sobre as mulheres no campo do design?

Apesar do fato da profissão de design abarcar homens e mulheres, existe dentro da área divisões que conferem status diferente entre gêneros. Campos como o design industrial, interfaces e gestão são ocupados predominantemente por homens, enquanto tarefas próximas ao trabalho doméstico como cerâmica, moda, têxtil, jóias são dominadas por mulheres, pois são atribuições consideradas femininas. O valor e status agregados a essas áreas serão diferentes, definidos em grande medida pela diferenciação de gênero, colaborando na construção de um imaginário feminino, sobre o do papel e lugar da mulher, o que conseqüentemente gera o apagamento de diversas mulheres ao longo da história.

Uma pesquisa feita sobre a historiografia da literatura em design feita por Rafael Leite Efrem de Lima (2017), faz uma análise de 8 livros no campo de design, em que avalia nomes citados para a quantidade de nomes femininos e tem como resultado uma desigualdade abissal para o nomes das

mulheres, evidenciando o problema.

“Ao procurar pelos reais motivos da ausência das mulheres no design, foi possível entender que o motivo vai além da História do Design, em particular, e está presente em todo o contexto histórico, seja no Brasil ou no mundo. Até hoje, aparentemente, as relações de trabalho ainda se baseiam na cultura do patriarcado, em que homens são superiores e a eles estão reservados o espaço público/social e o trabalho e, às mulheres, o legado de cuidar do marido, filhos e afazeres domésticos (LIMA, 2017, pg.2).”

O trabalho de elencar, questionar, e reafirmar o papel das mulheres no design, tem sido feito por outras autoras, como Cheryl Buckley (1986) designer e historiadora britânica, que concentra sua pesquisa na abordagem feminina no design e é tratado em outros trabalho de conclusão de curso da própria ESDI, como o de Rita Sepulveda de Faria (2003) que trata das mulheres designers brasileiras, tendo como propósito em seu projeto resgatar e reafirmar essas mulheres, criando um banco de dados aberto em um site, projetado por ela, para ser sempre possível acrescentar novas designers. Outro trabalho de conclusão de curso com o mesmo tema, a invisibilidade da mulher no design, é o de Gabriela Angelo Ramalho de Sá da Universidade de Brasília (2018), com o objetivo de trazer contexto histórico e feitos de personalidades femininas no design entre 1930 e 1979.

É um problema que vem sendo percebido e pontuado ao longo dos anos por essas autoras e autores, que precisa de mais pontos de discussão em diferentes camadas como, mais especificamente, na proposta dessa monografia, dar visibilidade às mulheres designers na ESDI. Abordar o design na perspectiva feminina para entender melhor as lutas, conquistas, processos emancipatórios e como elas têm moldado o campo do Design. Quando tratado o design através do prisma das mulheres, pode-se argumentar que o design é melhor iluminado (BUCKLEY,2020).

3. Feminismo: lutas históricas das mulheres

A divisão entre mulheres e homens ao longo da história, principalmente a requisito do trabalho, é frequentemente baseada em achismos, conhecimentos do senso comum para definição de papéis do homem e mulher, em convenções sociais, dentro da divisão de trabalho de uma empresa e comportamentos previamente definidos dentro do que se espera dentro de uma composição familiar.

Segundo Carole Pateman (2008) no livro “*O contrato sexual*”, que faz

uma releitura do contrato social idealizado por teóricos como Rousseau, a diferença sexual é uma diferença política: a diferença sexual é a diferença entre a liberdade e sujeição. Ela ainda argumenta que as mulheres não participam do contrato social, mas que são o objeto do contrato e o contrato sexual é o meio que os homens exercem seu direito sobre as mulheres na manutenção do direito patriarcal civil.

Assim, historicamente, houve uma herança atribuída à mulher, em que se pode notar com mais evidência no Brasil colônia, o valor delegado apenas à esfera familiar como esposa, mãe e filha. Construções atreladas ao lar, referentes sempre ao ambiente doméstico e familiar, como educar filhos, servir ao marido ou pai obedientemente, sempre realizando o desejo que lhe é atribuído, mas sem desejos próprios. É importante salientar que esse era o modelo das classes dominantes e não necessariamente era a mesma realidade de classes mais pobres no Brasil, embora houvesse uma pressão sobre mulheres operárias e a permanência no lar, e para resolver esse problema, lhe foi designado a elas o papel de formar "trabalhadores ideais" adaptados à rotina do trabalho de seus filhos e filhas, estes cientes de suas responsabilidades. Porém, na prática elas não deixaram de combinar as atividades domésticas com o trabalho para garantir a subsistência da família (PINSKY, 2015).

É uma concepção do papel da mulher na sociedade, que ao longo dos séculos, tomou outras formas, devido a conquista de direitos por movimentos e debates feministas, mas que hoje não está completamente abandonada, ainda há enormes problemas de equidade dos gêneros no mercado de trabalho e outros âmbitos sociais devido ao modelo patriarcal que insiste se sobrepôr a organização da sociedade - salvo grupos determinados em perpetuar esses valores - porém comparada ao passado os direitos das mulheres teve significativos avanços ao longo dos séculos. Como Djamila Ribeiro conta no livro "*Quem tem medo do feminismo negro?*" (2018) tratar a questão das mulheres como um grande bloco universal é fechar os olhos para a interseccionalidade de fatores sociais discriminatórios combinados na opressão de uma mulher. Raça, transgeneridade, orientação sexual são outros fatores para serem levados em conta na hora de discutir as questões de igualdade entre gêneros. Contudo, para efetividade das ações de igualdade femininas, acontecimentos se sucederam no Brasil e no mundo para de fato serem postas em prática. Mas para este recorte investigaremos o contexto político do mundo e das mulheres na década de 1960 e no começo da década de 1970. Será dividido a década em três partes, um panorama do contexto político do mundo e do Brasil, a organização das mulheres na época e o que acontecia no cenário do design no país.

4. Contextualização de 1960

4.1 Mundo

Para entender o contexto social, do mundo e do design em que a escola era criada decidi dar um panorama do que acontecia durante esta década, com objetivo de entender mais sobre o contexto em que estas mulheres estavam inseridas **(ou não)** no Brasil e no mundo.

No contexto do político fora do país, vivíamos contrastes. Duas potências em guerra fria levando em grandes conflitos como a guerra do Vietnã, e a chegada dos Estados Unidos à Lua. Ainda na polarização, o muro de Berlim foi criado dividindo a Alemanha Ocidental e Oriental em regimes completamente divergentes em exemplos de sociedade. O festival de Woodstock emerge como uma reação entre a maioria, os mais jovens, em resposta à tensão política global, lutando em reaver os valores e dar a voz à juventude, visto que eles seriam o futuro do mundo.

Figura 3: Phan Thị Kim Phúc aos 9 anos correndo em um dos bombardeios ao Vietnã.



Fonte: O globo

Mobilizações feministas entram em foco nas duas grandes guerras, iniciando a inserção das mulheres no mercado de trabalho, em consequência de falta de mão de obra em indústrias bélicas, pois os homens estavam sendo enviados para a guerra.

Depois da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e Segunda Guerra Mundial (1939-1945) as reivindicações das mulheres como o acesso à educação, a política e ao mercado de trabalho evidenciadas nos conflitos

foram em sua maioria atendidas. Todavia, foi na década de 1960 na Europa e Estados Unidos a luta toma folego com a publicação do livro “O segundo sexo” da filósofa francesa Simone Beauvoir em que busca entender a construção social do feminino a partir de condutas determinadas e expectativas do meio que são inseridas.

“A autora expõe a teoria de que a mulher historicamente tem sido considerada a outra em relação ao homem sem que esse fato suponha uma reciprocidade, como ocorre no resto dos casos. Por exemplo, se para um povo, os outros são estrangeiros, para esses estrangeiros, outros são os que o chamam assim. Ou seja, o sentimento de alteridade é recíproco. Com a mulher isso não ocorre. O homem em nenhum caso é o outro, ao contrário, ele é o centro, a medida e a autoridade - esta ideia será o que o feminismo chamará de androcentrismo: o homem como a medida de todas as coisas”(GARCIA 2018, pg. 80).

Ainda nesta década, começou a se observar que as opressões a mulher eram políticas, a ideia em que a esposa deveria apenas se reservar ao espaço privado, longe da esfera pública, se inverteu, pois se percebeu que ao confinar elas ao ambiente íntimo, as deixava longe do debate político e com isso, se perpetuava a manutenção do estereótipo do papel da mulher na domesticação dentro da dominação patriarcal. Logo temas que socialmente se consideravam que se restringiam apenas ao ambiente familiar eram trazidos ao debate político, como a própria violência doméstica, antes considerada apenas assunto da família.

Liberdades femininas como aborto e anticoncepcional, meios que atentavam a escolha das mulheres ao próprio corpo, contrapondo a ideia de que toda mulher deveriam ser mães, agora trazia maior autonomia sexual. Com efeito, na década de 60 a pílula de fato recebe mais aceitação na sociedade, enquanto o aborto se torna um debate ainda mais ferfoso e político.

Podemos ver algumas organizações feministas em protesto como em 1968, com a chamada ‘Queima de sutiãs’ de 400 ativistas no concurso Miss Americana em Atlantic City, que queimaram vários objetos que representavam a opressão feminina, como por exemplo, sapatos altos, maquiagens, sutiãs e revistas femininas. Artefatos que simbolizavam o padrão imposto do que seria beleza feminina.

Figura 4: Protesto durante o Miss America em 1968.



Fonte: O globo

A partir de 1970 começaram a aparecer outros discursos divergentes dentro do próprio movimento, já que a ideia de um feminismo universal era excludente, pois não levava em conta a interseccionalidade de classe, raça e sexualidade visto que se levando em conta essas novas características, a opressão aumentaria sobre essas mulheres. Novos debates, sob novas óticas apareceram, levando de certo modo a maior pluralidade da discussão a outras camadas.

4.2 Brasil

Ao mesmo tempo no Brasil, as políticas de hegemonia do modernismo pelo o governo Juscelino Kubstchek, demonstrando o crescente processo de instrução teve como marco no ano de 1960 a inauguração de Brasília.

No ano seguinte, Jânio Quadros tomou posse e renunciou, deixando a presidência ao seu vice João Goulart. O seu governo foi conturbado, marcado por insatisfações de grandes empresários, militares e um forte sentimento anticomunismo crescente na população, vale lembrar que no período que Goulart governou de 1961 a 1964, a Guerra Fria gerava grande tensões nas Américas. Com apoio financeiro dos Estados Unidos e com seus interesses garantidos de parar uma suposta influência do comunismo no Brasil, o governo militar depõe João Goulart dando início a ditadura cívico-militar no país em 1964. Conforme os anos passaram mais esse

regime endureceu através do Atos Institucionais, que institucionalizou o regime. É com o AI-5 o mais repressivo deles em 1968, pois entre várias medidas , ela dava o poder de censura às mídias e o dissolvimento do Congresso Nacional. Foi o período mais repressivo do regime cívico militar.

4.3 Mulheres na década de 60

Haviam antes do golpe, na década de 50, mulheres se organizando em diversas lutas ao redor do país. Temos no ano de 1960 a fundação da Liga Feminina do Estado da Guanabara que promovia cursos e liderava campanhas. Três anos mais tarde, em 1963, o Encontro Nacional da Mulher Trabalhadora, com objetivo de defender ações feias das leis sociais e trabalhistas a favor das mulheres. Muitas questões como a discriminação contra a mulher e seus direitos, como a anulação dos artigos discriminatórios a mulher casada eram debatidos, porém outras questões como a autonomia da mulher, sexualidade, aborto, decisão da mulher de escolha em ter filhos ou não, não eram debatidos.

Mesmo com avanço lento da discussão sobre as liberdades da mulher e os pequenos progressos destas organizações, com o golpe militar de 1964 estas reivindicações praticamente desapareceram devido à repressão do regime.

É visto na história um movimento de legitimação ao golpe vindo a oposição de João Goulart, para isso se utilizou de bases sociais para demonstrar a força popular, com protestos que pretendia acabar com a “ameaça comunista”. Foi assim que aconteceu a chamada Marcha com Deus pela Família e a Liberdade, constituída em sua maioria por mulheres chamadas de “marchadeiras”, composta por “donas de casa” e “mães de famílias brasileiras”³.

No começo do golpe a participação das mulheres pode ser vista na busca de maridos, filhos, namorados desaparecidos, mas principalmente adentrando o mercado de trabalho. Porém para elas não era oferecido ambientes de trabalho adequados, não havia efetividade de leis existentes que protegem direitos e mulheres com filhos, além de os salários serem menores em comparação aos dos homens.

Devido a alta repressão e perseguição à oposição do regime, a sobrevivência política de militantes de esquerda se agrupou no âmbito da violência armada, mas a mulher militante não era efetivamente incorporada nestas organizações e nem houve posteriormente um levantamento de dados e um estudo para investigar a participação nas ações de guerrilha.

³ Ver mais: <https://shre.ink/nOEX>

Esta época da ditadura foi marcada por perseguição, mas também pelas sessões de tortura que violavam os direitos humanos, e elas eram mais suscetíveis a prática de violência sexual. Deve-se evidenciar que as equipes responsáveis por estes atos eram inteiramente formada por homens.

4.4 Enquanto ao design

A primeira observação a ser relatada é que trabalhos de destaques de mulheres no Brasil não foram encontrados, embora nesta década a designer brasileira Bea Feitler estivesse realizando trabalhos como sendo a diretora de arte da Harper 's Bazaar, era no Estados Unidos as suas realizações e nesta pesquisa priorizei o design e marcos que estava sendo feitos no Brasil.

Um dos primeiros marcos no campo do design no Brasil aconteceu em 1962 no curso de arquitetura da FAU - USP, quando é incorporada como parte do currículo, desenho industrial e programação visual e a criação da Associação Brasileira de Desenho Industrial um ano depois, em setembro de 1963.

Mas para contar a história do design neste período, é preciso citar alguns trabalhos de alguns designers como Aloísio Magalhães, que se destacava como designer da identidade corporativa entre as décadas de 1960 e 1970. Seu trabalho é marcado pela repetição das formas por meio de espelhamentos e relações. Dentre de seus vários projetos, os mais famosos são da empresa de energia Light, 4º Centenário do Rio de Janeiro e o símbolo da conquista da Copa do Mundo de 1970 pela seleção brasileira. Este último é considerado por muitos como campanha para legitimar o regime militar, pois foi usado na frota brasileira o seu símbolo.

Figura 4: Marca da Light de 1966



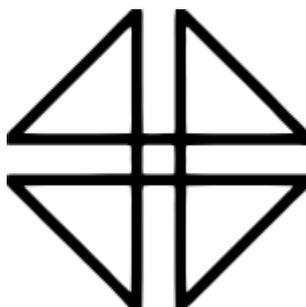
Fonte: (Melo,2011)

Figura 5: Copa do Mundo 1969



Fonte: (Melo,2011)

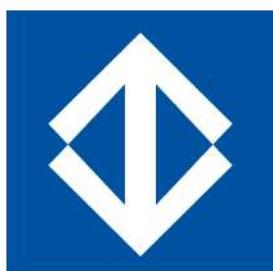
Figura 6: 4º Centenário do Rio de Janeiro; 1964



Fonte: (Melo,2011)

Outro defensor do design modernista ao longo da década de 1960 é Alexandre Wollner, ex aluno da Escola de Ulm, que tem trabalhos assinados como Eucatex, da Metal Leve e Santista. Ainda nesta época, o escritório Cauduro/Martino criado pelos os arquitetos João Carlos Cauduro e Ludovico Martino, arquitetos formados pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), tem os projetos mais importantes em 1967 com a identidade do metrô da companhia metropolitana de São Paulo, com duas setas de ida e volta representando a empresa e a do mesmo ano, a identidade da Aços Villares, em que remetia as letras A e V, empresa de elevadores e equipamentos industriais.

Figura 7: Metrô de São Paulo;1967



Fonte: (Melo,2011)

Figura 8: Aços Villares; 1967



Fonte: (Melo,2011)

Com este panorama, podia se notar a predominância da influência modernista, adotada por empresas estatais sob o comando do regime militar estabelecendo uma conexão dos ideais modernistas com eficiência e desenvolvimento (MELO, 2011). Outra parte do design notável durante esta época são as capas de disco. Dotadas da influência do modernismo, as

gravadoras Elenco e Som Livre tinham como características comuns a prática da limpeza e rigidez. Enquanto a primeira formava uma unidade rápida imediata com o fundo branco e retratos de alto contraste, a segunda seguia também uma unidade visual rígida e limpa, porém ela se limitava apenas às bordas brancas e título sempre no alto com letras miúdas, pois apresentavam maior liberdade gráfica de alto impacto no centro das capas dos discos.

Figura 9: Maysa, 1963 por César Villela



Fonte: (Melo, 2011)

Figura 10: MPB 4, 1966 por Eddie Moyna



Fonte: (Melo, 2011)

Figura 10: Em som maior;1964



Fonte: (Melo,2011)

Figura 11: Octeto de César Camargo Mariano

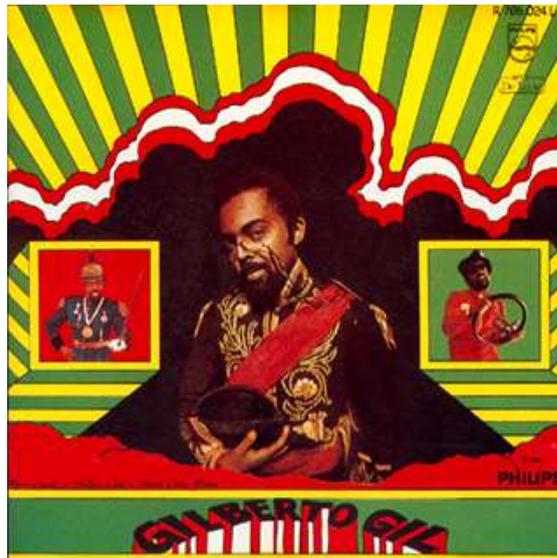


Fonte: (Melo,2011)

Ainda nas capas de disco desta época, um novo movimento surge no Brasil, é o movimento tropicalista, influenciado pelo o rock e pop europeu fundido com elementos musicais tradicionalmente brasileiros. Ela apresentava rupturas no âmbito musical, mas também no campo gráfico dos discos.

Rogério Duarte é responsável de algumas destas capas na música, e cartazes no cinema. Considerado pioneiro do que seria chamado duas décadas mais tarde, em 1980 de pós-modernismo, em sua obra questiona fundamentos do modernismo e traz elementos psicodélicos, diversidade de cores e formas, além de trazer referências internacionais do pop e rock da época.

Figura 12: Gilberto Gil, 1968 por Rogério Duarte



Fonte: (Melo,2011)

Figura 12: Caetano Veloso, 1968 por Rogério Duarte



Fonte: (Melo,2011)

Os principais designers da década de 60, com trabalhos que compõem a história do design gráfico no Brasil foram todos homens, como nos exemplos

que exponho. Ao realizar esta pesquisa e perceber este fato, encontrei mais um motivo e razão para debater as mulheres entre os períodos de 1963 a 1974, reforçando o intuito deste trabalho, pois fica claro a invisibilidade ou até mesmo a falta de mulher no espaço do design no Brasil.

4.5 No Rio de Janeiro

Nesse período chamado de Estado da Guanabara, depois que em 1960 a capital do país mudou para Brasília, governado pelo então estado de Guanabara, Carlos Lacerda, é fundada, em 1963, a primeira escola de design destinada ao ensino superior da América Latina. Projetada a partir do projeto da Escola Técnica de Criação do MAM Rio de Tomás Maldonado, que não foi implementada por falta de recursos financeiros, a Escola Superior de Desenho Industrial é criada aliada ao desejo do governador a produzir mão de obra qualificada para suprir as demandas desta nova indústria ascendendo , com o argumento de desenvolver produtos com identidades nacionais.

Figura 13: Decreto de fundação da ESDI assinado por Carlos Lacerda

DECRETO Nº 1.443 - de 25 de dezembro de 1962

Cria, na Secretaria Geral de Educação e Cultura, a Escola Superior de Desenho Industrial, nas condições que menciona.

O Governador do Estado da Guanabara, usando das atribuições que lhe confere o item I, do art. 30, da Constituição do Estado, decreta:

Art. 1º - Fica criada, na Secretaria de Educação e Cultura, a Escola Superior de Desenho Industrial, cuja organização obedecerá ao regime que fôr determinado de modo a assegurar-lhe características de nível superior, na forma da legislação vigente.

Art. 2º - O dirigente da Escola Superior de Desenho Industrial / será designado pelo Secretário de Estado de Educação e Cultura e ficará a esta autoridade diretamente subordinado.

Art. 3º - O Secretário de Estado de Educação e Cultura designará professores de qualquer categoria do Estado, para terem exercício na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI).

Parágrafo único - Para atender às características de inovação do ensino a ser ministrado poderá ser feita a contratação de pessoal especializado na forma da lei.

Art. 4º - O Secretário de Estado de Educação e Cultura expedirá os atos necessários à execução deste decreto.

Art. 5º - O presente decreto entra em vigor na data da publicação e revoga as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 1962; 74º da República e 3º do Estado da Guanabara.

Carlos Lacerda
Carlos Flexa Ribeiro

V I S T O.



O modelo seguido da ESDI sofreu forte influência da Escola de Ulm, sucessora da Bauhaus, visto que seus fundadores, Alexandre Wollner e Karl Heinz Bergmiller estudaram nela e ajudaram a formar o currículo da nova escola que estava sendo criada, tendo como consequência a pretominsnacia da escola a estética racionalista.

O processo de seleção da nova escola era diferente e incluíam várias etapas para admissão na escola. Para ingressos os alunos deveriam passar um por uma prova de língua estrangeira (peso 1), prova de português/redação (peso 2), teste vocacional/desenho (peso 3) e nível cultural/conhecimentos gerais (peso 4) (SOUZA,1996). Quando aprovados nesta primeira etapa deveria depois passar por uma entrevista com o diretor e professores da ESDI. Em uma fala de uma das alunas da primeira turma de 1963, Marilena Carvalho, a ESPM em memórias de um design carioca, era preciso na entrevista ser apresentado um currículo. A segunda etapa da entrevista levava aspectos subjetivos para ingresso e era também eliminatório. A forma qualitativa de ingresso a ESDI refletia a maneira do que seria a proposta na formação destes novos profissionais, que seriam os primeiros no Brasil. Por isso, a escola foi considerada rígida por alguns. Houve também mais outro caráter eliminatório do primeiro semestre, o aluno deveria ser aprovado ou não teria sua matrícula confirmada. Mas a medida foi abandonada em 1967, quando alguns alunos foram à justiça contestar a não confirmação da matrícula (SOUZA, 1996).

Quando aprovado no primeiro ano, chamado curso fundamental, o aluno deveria escolher a habilitação que deveria se especializar dentro da escola. Havia apenas duas opções, comunicação visual/programação visual para especialização em design gráfico e design de produto. Anos mais tarde o curso integrou as duas especializações na formação do aluno. Até hoje existem discussões de como uma formação generalista pode apresentar prejuízos para o futuro profissional no mercado, já que outros cursos apresentam divisão de habilitação, como era o começo da ESDI (NIEMEYER, 1998).

É no mesmo ano da criação da Escola Superior de Desenho Industrial em 1963, que é criado pela Associação Brasileira de Desenho Industrial (ABDI). A associação tinha como objetivo a divulgação e disseminação do design para empresas além de ser composta por designers atuantes entre os anos 1950 e 1960, entre eles docentes da própria ESDI. Em 1968 aconteceu a primeira Bienal Internacional do Rio de Janeiro no Museu de Arte Moderna, foi uma exposição que contava com exposições de antigos e novos designers, primeiro grande evento dedicado brasileiro dedicado ao design. Goebel Weyne foi responsável pelo primeiro cartaz deste evento. Nele há a

intenção de criar uma vibração sutil e para isso ela usa-se da deslocação do bloco do texto, ele também destaca o ano da Bienal em vermelho.

Figura 14: Cartaz Desenho Industrial, 1969 por Goebel Weyne



Fonte: (Melo,2011)

5. Primeiro anos da década de 1970

5.1 Mundo

Indira Gandhi foi reeleita em 1971 na Índia como primeira ministra, sendo a primeira mulher a ocupar um cargo de chefe no governo indiano. Nos Estados Unidos em 1972 estoura o escândalo do Watergate, uma rede de espionagem mantida pelo então presidente Richard Nixon, o que levou a sua renúncia do cargo em 1974, e ainda neste ano que acontece a Revolução dos Cravos em Portugal, ocasionada pelo o desejo do fim da ditadura desde de 1926 sob o comando de Salazar, crise econômica no país e desejo pelo o fim da guerras coloniais que aconteciam na África. Enquanto havia o desejo do fim da ditadura para alguns, começa para outros uma nova ditadura na América Latina, no Chile. Em 11 de setembro de 1973 é liderado o golpe de estado pelo general Augusto Pinochet, que viria a ver o seu fim apenas em 1990. É estimado que pelo menos 3.200 pessoas foram assassinadas ou desapareceram nestes 17 anos.⁴

⁴ Mais: <http://surl.li/mriud>

Figura 15: Exército nas rua de Santiago por Evandro Teixeira



Fonte: O globo

5.2 Brasil

Em 1970 a seleção brasileira é tri campeã mundial no México, porém o governo militar em exercício na época, usa como propaganda o título para promover o governo de forma positiva com o slogan ‘Brasil Grande’.

Os primeiros cinco anos da ditadura militar foi marcado pelo o dito ‘milagre econômico’ e construções de grande porte como a ponte Rio e Niterói, com o intuito de também promover de forma positiva o governo. Porém depois deste período o país entra em crise pelos altos juros internacionais e do preço do petróleo.⁵

5.3 Mulheres década de 70

A luta armada sobra como alternativa no combate à ditadura e à repressão. De maioria masculina, as mulheres tiveram dificuldades de serem incluídas e serem reconhecidas como iguais perante ao homens. Coube a elas exigirem a inclusão nos grupos de esquerda. Elas buscaram outras formas de fazer política e lutar contra a ditadura, sem ser nas ações militares, modelo considerado masculino. Porém as mulheres usavam desta exclusão como arma. Não se esperava uma mulher nas ações militares, e por isso era mais

⁵ Ver mais: <http://surl.li/mrjgs>

fácil se disfarçar entre a multidão. Atuavam também nas estratégias militares como observadoras para levantamento de informações. Tinham mais facilidade de conseguir documentos falsos e arranjar empregos.

“Suzana concluiu: ‘Eu mesma usava uma minissaia e os homens da repressão olham muito mais para as minhas coxas do que para a minha barriga, onde as armas estavam escondidas.’”(TELES 1993, pg.73)

5.4 Enquanto ao design

Há duas linhas no design que se seguiram, de um lado a criação de novas identidades alinhado ao governo militar, o design modernista é usado como ferramenta para renovar os ideais estatais, e como consequência no Brasil, acaba por profissionalizar escritórios de design no país. De outro lado, mais longe das escolas o design ganha outra roupagem. Ele ganha mais teor político, mais experimental, uma ferramenta para denunciar e lutar contra o autoritarismo.

Temos como exemplo a estilista brasileira Zuzu Angel que no ano de 1971 vê o filho preso, torturado e morto depois de se filiar ao MR-8, grupo guerrilheiro de ideologia socialista do Rio de Janeiro.

Em busca do direito ao sepultamento do corpo do filho, Zuzu apresenta um desfile em protesto no consulado brasileiro em Nova York, o que seria crime, pois era proibido por lei que brasileiros criticassem o país no exterior, chamando as atenções das autoridades ao desaparecimento do corpo de seu filho e crítica ao regime. Neste desfile contavam com um vestido confeccionado com vários elementos bélicos, de prisões e de guerra. Sua luta por respostas acabou levando a sua morte em 1976.

Figura 16: Elementos militares no vestido protesto; bordado de militar e canhão de Zuzu



Fonte: Audaces

Na década de 70 ainda tivemos a continuidade dos designers Alexandre Wollner e Aloísio Magalhães na construção de identidades visuais. Aloísio continua seu trabalho em colaboração com o governo representando empresas estatais, agora projetando uma identidade visual para uma empresa de alta relevância pública, a Petrobras. Pela primeira vez vimos um design ordenado para uma empresa pública, de forma que toda a sua identidade visual estava definida não para apenas a marca, mas em diversas aplicações, visuais e industriais, como a bomba de gasolina do posto.

Figura 17: Petrobras, 1970



Fonte: (Melo,2011)

Outro projeto apresentado por Aloísio Magalhães no início da década de 70 é o desenho da cédula de quinhentos cruzeiros de 1972, para o Sesquicentenário da Independência do Brasil. Intitulada na imagem do anverso chamada de “Evolução da raça brasileira” que gerou polêmica por representar o homem branco como mais evoluído.

Figura 18: Quinhentos cruzeiro,1972



Fonte: (Melo,2011)

5.5 No Rio de Janeiro

Figura 19: Convite Desenho Industrial da Bienal Internacional do Rio de Janeiro, 1970



Fonte: Arquivo do MAM

Em 1970 aconteceu a segunda edição da Bienal do Rio de Janeiro no Museu de Arte Moderna que contava com exposições da ESDI. Goebel Weyne é responsável pelo o segundo cartaz do evento, assim como o da primeira edição.

6. Linha do Tempo: Brasil

Ao analisar a mulher no campo de design, enquanto área também relacionada ao trabalho, é necessário a contextualização das lutas e direitos

conquistados, que vão impactar diretamente a forma que a sociedade irá ver a imagem a mulher na sociedade, e assim, uma linha de tempo foi trazida para refletir em uma forma visual e resumir ao longo dos anos a forma de pensar a figura feminina que o Brasil teve ao longo dos anos até a década de 1970.

Ter em mente o que mulheres podiam ou não, como eram vistas, é fundamental para entender o lugar a elas que é designado no imaginário e que se refletiam, e se refletem em políticas de Estado. Nesta linha de tempo vale ainda mencionar a intencionalidade no movimento feminista principalmente do movimento negro no Brasil.

1827: Meninas são liberadas para frequentar escola

A primeira lei referente à mulher para acesso à educação, lhe dava direito somente à educação elementar, sendo vedado o acesso à formação a instituições de nível superior. Tinham como ensino prendas domésticas, como costura. A aritmética ensinada às meninas eram diferentes dos meninos (FOLLADOR, 2009). É necessário pontuar que as mulheres aqui liberadas para estudar eram mulheres brancas com maior poder aquisitivo, pois aqui havia o intuito de ensiná-las a serem donas de casa, enquanto mulheres mais pobres e negras já trabalhavam e também eram donas de casa. Assim, era lhes atribuída dupla jornada.

1832: Publicação da “ Direitos das mulheres e Injustiça dos homens”

Livro publicado por Nísia Floresta⁶, tradução de ‘*Woman not inferior to man*’ de Mary Wortley Montagu⁷ (1689-1762). A publicação provocava a reflexão sobre o status social das mulheres, já que defendia a participação feminina em postos de comando (CAMPOI, 2011).

1879: Mulheres conquista o direito frequentar as universidades

Apenas algumas instituições de ensino superior admitiam a entrada das mulheres, pois existia dificuldade na sua admissão (DE MATOS, 2016). Este direito era mais uma vez reservado a mulheres brancas e ricas. Um exemplo deste fato é que apenas em 1945 se formou a primeira mulher negra em engenharia civil no Brasil, Enedina Alves Marques era de Curitiba e filha de doméstica.

1910: Primeiro partido político feminino é criado

⁶ Pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto foi uma educadora, escritora e poetisa brasileira. Primeira na educação feminista no Brasil, com protagonismo nas letras, no jornalismo e nos movimentos sociais.

⁷ Mary Wortley Montagu foi uma aristocrata, escritora, poeta e feminista inglesa.

1932: Mulheres conquistam direito ao voto

Um ano antes, em 1931 no Governo Vargas havia sido concedido um Código Provisório que permitia o voto da mulher porém era limitado a um determinado grupo, somente mulheres solteiras ou viúvas com permissão do marido podiam votar. Mas houve protestos de grupos feministas, e não chegou a ser adotado. Apenas no ano seguinte o Código Eleitoral decretado em 24 de fevereiro de 1932 concedia pleno direito de voto às mulheres sob as mesmas condições que os homens (D'ALKMIN, 2006). Carmen Portinho, primeira diretora da ESDI e terceira mulher a se formar em engenharia em 1926, estava envolvida ativamente nessa luta. Feminista, atuou na emancipação das mulheres na educação através da União Universitaria Feminina, onde tinham como objetivo ajudar a ingressar as mulheres que acabavam de se formar no mercado de trabalho. Em entrevista, Carmen diz que chegou a sobrevoar o Rio de Janeiro em um avião lançando panfletos em defesa do voto feminino (DE SÁ, 2018). Entretanto, a conquista do voto não contemplou todas as mulheres, pois em 1932 apenas mulheres alfabetizadas poderiam votar, o que não era uma realidade para todas, principalmente entre mulheres não brancas. Apenas em 1946 a obrigatoriedade do voto passou a ser para ambos os gêneros e 1985 o direito foi expandido para considerar os analfabetos.

1962: É criado o estatuto da mulher casada

Teve como maior mérito banir a incapacidade feminina, ou seja, suprimir a capacidade tutorial do marido sobre as mulheres em atividades profissionais e outras inovações (MARQUES, 2008). Com o estatuto, além da mulher não precisar ter autorização do marido para trabalhar, podia pedir direito a herança e guarda dos filhos. Nesse mesmo ano o anticoncepcional passou a ser comercializado, permitindo uma autonomia da mulher na escolha de ter filhos ou não.

1974: Mulheres conquistam o direito de portar um cartão de crédito

7. Arquivo da ESDI

Localizado na própria Escola de Desenho Industrial, um acervo físico mantém diversos documentos sobre a escola durante os seus sessenta anos de funcionamento. Nele estão concentrados os anos administrativos da escola, junto com os dados organizados de registros de alunos que frequentavam a escola, mais listas de alunos que fizeram intercâmbio durante os anos. Tudo concentrado em 28 gabinetes, em um total de 112 gavetas.

Desde de outubro de 2022 até o presente momento realizo como trabalho de iniciação científica chamado de *História do Design via redes digitais de conhecimento aberto*⁸, que tem como objetivo digitalizar documentos referentes à história do curso, para disponibilizar de forma aberta documentos em plataformas digitais conhecimento a todos que tivessem interesse na história do design no Brasil. Devido ao arquivo não ter os cuidados necessários em sua conservação, foi uma alternativa que se encontrou para prolongar a existência dos documentos, embora o ambiente virtual não seja a prova de eventuais efemeridade de conteúdos online.

Durante o trabalho dentro do arquivo foram realizados dois recortes curatoriais - ação necessária em razão ao grande volume de documentos disponíveis - a investigação de documentos referentes à pré fundação e fundação da ESDI e marcos comemorativos de aniversário da escola. Esse último, depois de uma investigação exploratória dentro do acervo, foi achado vestígios das comemorações de 25, 30, 40 e 50 anos.

Foi desenvolvida uma metodologia baseada nas seguintes etapas:

- 1 - Catalogação e metadados
- 2 - Digitalização
- 3 - Salvaguarda
- 4- Comunicação (geração de conteúdo)

Para cumprir a etapa de comunicação com o objetivo de disponibilização do acervo online. Com isso, foi criado um website⁹ para disponibilidade, além de contar o andamento de nossas atividades como objeto de pesquisa e desafios encontrados, além da própria documentação da história da escola num banco de dados.

Através da influência aqui descrita da proposta de iniciação científica e

⁸ Nome do projeto orientado pelo professor Carlos Guilherme Altmayer

⁹ Ver site do arquivo: <https://arquivosdi.org/>

da extensão Wikidesign¹⁰ - projeto com finalidade de produção de verbetes focado em conteúdos informativos em design -foi mais um dos motivos para a proposta dessa pesquisa de trabalho de conclusão de curso, focado nas mulheres da ESDI.

Figura 20: Gabriela De Paula Almeida, Carolina Hermenegildo Guimarães, Laryssa dos Santos Reis e Biatriz Silva de Sousa e Sousa na primeira investigação do arquivo.



Fonte: Acervo pessoal

8. Mulheres e escolas de design: Bauhaus, Vkhutemas e Ulm

Para analisar as mulheres na ESDI é importante trazer a realidade delas nas escolas de modelo que a antecederam, ainda que em contextos bastante distintos ao brasileiro. Para tal faremos uma análise da presença de mulheres em três escolas de design, Bauhaus, Vkhutemas e Ulm.

8.1 Bauhaus

¹⁰ Mais informações : <http://surl.li/iecvt>

Na Bauhaus apenas 462 mulheres estiveram presentes nas três sedes de Weimar, Dessau e Berlim entre 1919 e 1933, embora quando criada, a constituição de Weimar encorajava a liberdade feminina na aprendizagem. Sua admissão na escola era mais rigorosa e dificultada em comparação aos homens e quando aprovadas, eram designadas a entendida 'classes femininas' que logo se confundiu ao departamento têxtil (OTTO, ELIZABETH, 2019).

A maioria das alunas se especializou em tecelagem, por serem designadas a este trabalho que era considerado 'suave' e portanto apropriado para o gênero feminino, pois as outras oficinas eram consideradas masculinas e se considerava que a praticava um trabalho mais 'árido' e assim se evitou a competição das mulheres com outros alunos homens. Porém houve o destaque de Marianne Brandt, aluna que posteriormente compôs o corpo docente da escola na oficina de metal.

Mulheres na Bauhaus representou um terço dos estudantes e ao longo da história foram esquecidas nas sombras de outros alunos homens ou na sombra de seus maridos ou namorados. Há um considerável número de mulheres que só eram reconhecidas por seus trabalhos pelo grande público, devido a terem seus nomes vinculados a seus parceiros homens, como Ise Gropius e a arquiteta Lilly Reich.

Com o nazismo em ascensão, as alunas também foram as primeiras a sentirem os seus desdobramentos, tinham dificuldade de arranjar trabalho e até também foram demitidas da escola. Alunas também foram assassinadas em Auschwitz, devido a serem judias como Friedl Dicker, que estudou e lecionou na Bauhaus. Exemplos como Dörte Helm, também aluna da escola, teve que trabalhar sob o nazismo com um pseudônimo, devido a sua herança judaica.

Mesmo com a proposta inovadora da escola, até então experimental em ser a ponte entre o artesanato e a indústria, com o desenvolvimento do design, a Bauhaus apresentou evidências de perpetuar os padrões de divisão de gênero dentro das diretrizes pedagógicas, associando velhos estereótipos do que seriam permitidos do que a mulher deveria fazer ou não.

8.2 Ulm

Fundada em 1952 em contexto de pós-guerra na Alemanha, a escola se propõe a continuar o legado da Bauhaus e atualizar seus conhecimentos, visto que um dos fundadores Max Bill era ex-aluno da Bauhaus. A escola segue o modelo funcionalista, sendo uma grande influência no ensino do

design que viria a ser seguido na ESDI. Ex-alunos da escola de Ulm como Alexandre Wollner também iria influenciar a fundação da escola no Brasil.

Houve brasileiros que estudaram em Ulm, sendo uma delas uma brasileira chamada Mary Vieira, aluna de Max Bill.

Em em seus 25 anos de existência o percentual de mulheres foi de 15% do total de 640 estudantes¹¹ - apenas 96 mulheres de 544 homens. (SCHNEIDER, 2010) Na própria ESDI a primeira turma de 1963 havia 30 alunos, destes 25 eram homens e 5 mulheres (SOUZA, 1996).

Em 1968, com apenas 16 anos de funcionamento, a escola fecha as portas devido a problemas financeiros e políticos.

8.3 Vkhutemas

A escola é construída num período da Rússia pós revolucionária de 1917 pelo o governo bolchevique, onde uma nova forma de se entender artes, design e arquitetura era construída. A escola tinha como foco formar profissionais artistas e arquitetos vindos das classes operárias, com o objetivo de integrar a produção industrial crescente no país, político e desenvolvimento econômico. Era uma nova forma de entender, estudar o design sob outro ângulo sem ser o ocidental.

O protagonismo das mulheres permeia todo o contexto da época, inclusive o projeto social igualitário implantado por mulheres para admissão de mulheres em todas as escolas russas de formação superior. Deve-se lembrar que em 1917 na Revolução de fevereiro, havia o tema da emancipação da mulher em pauta, como das mais importantes. Já no ano seguinte teve a criação do primeiro Código do Matrimônio da Família a Tutela pelo Estado Sovietico, que promulgava, igualdade de direitos entre os sexos apartir do direitos como o igualdade salarial, legalização do aborto, fim da discriminação no ambiente de trabalho, direito a educação, medidas que abola a diferencial social entre generos. Foi uma legislação inédita e progressista para a época. Com efeito, a primeira turma da Faculdade de Arquitetura dos Vkhutemas em 1921 contava com 48 alunas inscritas (LIMA,2020).

A escola formou grandes nomes na faculdade como na área de arquitetura, campo pouco acessível às mulheres, e de têxtil. Grandes nomes como Lídia Komarova e Liubov Zaliêsskaias se formaram, uma se tornando arquiteta e a outra paisagista, criando desenhos de espaços urbanos na paisagem soviética. Em 1930 a escola é fechada pelo o regime stalinista e absorvida por outras instituições.

¹¹ Desse total de alunos, apenas 215 saem diplomados.

9. Resultados e discussão

Como o objetivo do meu projeto consiste na realização da visualização de dados a partir da imersão que fiz no acervo, é preciso primeiro conceituar o termo. O conceito consiste em traduzir dados, como palavras ou números, a princípio sem valor, e observar qual história elas estão nos contando, juntando com o viés do que quero discutir e debater, como já foi exposto ao longo do texto, as mulheres da ESDI.

Esta tradução traz no trabalho elementos visuais, como mapas, gráficos, e diagramas. Grandes volumes de dados são transmitidos para o público através da comunicação visual, com o objetivo de proporcionar ao público maior clareza do problema que foi exposto pelo autor.

“A grande vantagem das estatísticas e da visualização é que eles ajudam você a olhar além disso. Lembre-se, dados são uma representação da vida real. Não é apenas um balde de números. Há histórias naquele balde. Há significado, verdade e beleza. E assim como na vida real, às vezes as histórias são simples e diretas; e outras vezes eles são complexos e indiretos. Algumas histórias pertencem a um livro didático. Outros vêm em forma de romance. Depende de você, o estatístico, programador, designer ou cientista de dados para decidir como contar a história.” (YAU 2011, pg.6).

Antes da minha pesquisa, algumas inquietações sempre me vieram à mente sobre o tipo de perfil de estudante da escola, como por exemplo onde moravam. Faço dela uma das minhas perguntas antes de elaborar os gráficos. Logo depois, outras perguntas vão surgindo ao longo da leitura dos documentos, como: para além da quantidade de mulheres que ingressaram, quantas se formaram?

Algumas interpretações começam a surgir quando percebo que uma estudante trancou a matrícula no mesmo ano que se casou. É nos detalhes que as histórias se constroem, é no cuidado de analisar cada pasta, conectando anos e lendo informações, como se fossem um quebra cabeça, para escolher quais histórias contar com a visualização de dados.

Após a imersão do acervo e com auxílio da minha orientadora Bianca Martins, foi constatado, que para a realização da pesquisa o auxílio para a construir a visualização de dados seria trabalhar com planilhas para melhorar a visualização. O trabalho começa com uma primeira tabela, anotando dados mais básicos dessas mulheres, se utilizando das folhas de formulário de inscrição e registro do currículo escolar de cada aluna.

Dados essenciais foram priorizados como ano de matrícula da estudante e seu nome, os primeiros a serem preenchidos na tabela. Em primeiro momento comecei a tabelar um documento que constava nos arquivos das alunas, um atestado de idoneidade moral, um documento que atesta a uma determinada pessoa a formalização de responsabilidade sobre a aluna em relação a sua conduta correta em todas as esferas da vida. Como achei este documento interessante comecei anotar a sua incidência, porém vi que era algo exigido como documentos de inscrição dos homens também, logo deixei de lado e foquei em outras informações.

Figura 21: Parte da primeira planilha resultado da investigação de pastas e documentos

Ano	Nome	Curso a Seguir	Situação da matrícula	Se formou?	Ano de Formatura	Estado Civil	Bairro onde mora	Idade	Nacionalidade
1963	Gilda de Castro Siveira	opção de curso: desenho industrial	Não há registro de histórico	NÃO		Solteira	Copacabana	27 anos	Brasileira
1963	Marganda Maria Vivacqua de Figueiredo	opção de curso: desenho industrial	Registro incompleto. Vai até o seu segundo ano	NÃO		Casada	Jardim Botânico	26 anos	Brasileira
1963	Maria Cristina Koffi Basilio	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual		SIM		1966 Solteira	Jardim Botânico	19 anos	Brasileira
1963	Mariela Pereira da Silva Marques de Carvalho	opção de curso: desenho industrial		SIM		1966 Solteira	Botafogo	20 anos	Brasileira
1963	Sylvia Silva Granville	opção de curso: desenho industrial		SIM		1966 Solteira	Jardim Botânico	22 anos	Brasileira
1964	Ana Maria Lobo de Oliveira	opção de curso: desenho industrial	Em 1967 não apresentou trabalho de formatura. Em NÃO			Solteira	Copacabana	21 anos	Brasileira
1964	Ana Luiza Esportes	opção de curso: desenho industrial	Em 1965 trancou a matrícula, volta em 1966 e se foi SIM			1968 Solteira	Copacabana	20 anos	Brasileira
1964	Débora Lopes	opção de curso: desenho industrial	Não apresentou trabalho de formatura	NÃO		Solteira	Copacabana	22 anos	Brasileira
1964	Evangeline da Rocha Lima M.Oliveira	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual		SIM		1967 Solteira	Flamengo	21 anos	Brasileira
1964	Iole Antunes de Freitas	opção de curso: programação visual (Não há registro de histórico		NÃO		Solteira	Ipanema	19 anos	Brasileira
1964	Isabel Murtinho	opção de curso: programação visual (1967 não renova a matrícula, não se formou		NÃO		Solteira	Copacabana	20 anos	Brasileira
1964	Lucy Carlinda Niemeyer de Farias	opção de curso: desenho industrial	Trancou em 1967, mas se formou em 1968	SIM		1968 Solteira	Copacabana	19 anos	Brasileira
1964	Maria Teresa Licio Marques Pontual	opção de curso: desenho industrial		SIM		1967 Solteira	Leblon	20 anos	Brasileira
1964	Myriam Grabor	opção de curso: desenho industrial	Trancou para os períodos de 1965, 1966 e 1967. Se SIM			1970 Se casou depois	Leme	26 anos	Brasileira
1964	Sandra Fariães	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual		SIM		1967 Solteira	Copacabana	20 anos	Brasileira
1964	Silvia Ferreira	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual		SIM		1967 Solteira	Copacabana	20 anos	Brasileira
1964	Sonia Ramalho de Aguiar	opção de curso: programação visual (Trancou em 1965, voltou, foi reprovada em 1967. Se SIM				1969 Solteira	Flamengo	19 anos	Brasileira
1965	Ana Luiza Ozório de Almeida	opção de curso: desenho industrial	Trancou em 1966, aparentemente não se formou	NÃO		Solteira	Botafogo	21 anos	Brasileira
1965	Carla Capello	opção de curso: programação visual (Não apresentou trabalho de conclusão de curso no NÃO				Solteira	Gaveia	22 anos	Brasileira
1965	Helena Guimarães Costa	opção de curso: programação visual (Não frequentou o curso, logo não se formou		NÃO		Solteira	Leblon	25 anos	Brasileira
1965	Maria Regina Mathieu	opção de curso: desenho industrial	Não apresentou trabalho de conclusão de curso, po NÃO			Solteira	Copacabana	20 anos	Brasileira
1965	Regina Célia Souza Pereira	opção de curso: programação visual (Não apresentou trabalho de conclusão de curso no NÃO				Solteira	Praça da Bandeira	19 anos	Brasileira
1965	Solange Castanheira Benchinof	opção de curso: desenho industrial	Trancou a matrícula em 67, aparentemente não rete NÃO			Solteira	Copacabana	22 anos	Brasileira
1965	Suzana Maria Soares de Oliveira	opção de curso: programação visual (Não apresentou trabalho de conclusão de curso		NÃO		Solteira	Ipanema	26 anos	Brasileira
1965	Sylvia Heller de Vasconcelos	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual		SIM		1968 Casada	Laranjeiras	22 anos	Brasileira
1965	Silvia Alves de Sousa	opção de curso: programação visual (Reprovada em 1967 continua, mas em 1969 não ap NÃO				Solteira	Leblon	30 anos	Brasileira
1965	Tereza Maria Neto	opção de curso: programação visual (Solicitou trancamento de matrícula no período de 19 SIM				1972 Solteira	Leblon	21 anos	Brasileira
1965	Vera Lia Germano de Ciquicira	opção de curso: desenho industrial	Trancou em 67, mas volta em 68 o em 1969 é repro NÃO			Solteira	Laranjeiras	20 anos	Brasileira
1966	Angela Lemos Bastos	opção de curso: desenho industrial		SIM		1969 Solteira	Ipanema	18 anos	Brasileira
1966	Ana Luiza Moraes Nunes de Souza	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual		SIM		1969 Solteira	Cosme Velho	20 anos	Uruguaia
1966	Gloria Maria de Brito Pereira Lobo	opção de curso: programação visual (Em 69 foi reprovada. Em 70 a 71 requereu o tranco SIM				1972 Solteira	Ipanema	21 anos	Brasileira
1966	Helôisa Blandão Oroco	opção de curso: programação visual (Reprovada em 1969 no trabalho de formatura NÃO				Solteira	Tijuca	21 anos	Brasileira
1966	Ileu Casella Andrade de Carvalho	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual		SIM		1969 Casada	Copacabana	27 anos	Brasileira
1966	Lúcia de Assunção Hess	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual		SIM		1969 Solteira	Alto da Boa Vista	20 anos	Brasileira
1966	Maria Valdeez S. Coelho da Paz	SEM FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO	Matrícula trancada em 1969	NÃO					
1966	Patrícia de Aquino	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual		SIM		1969 Solteira	Leblon	20 anos	Brasileira
1966	Solange Jansen Muller Porteira da Silva	opção de curso: desenho industrial	Trancou em 1969 e 1970. Em 1971 apresenta traba SIM			1971 Casada	Ipanema	28 anos	Brasileira
1966	Telma Weisz	opção de curso: programação visual (Não apresentou trabalho de conclusão de curso NÃO				Solteira	Copacabana	22 anos	Brasileira
1966	Virginia Colla Lopes Quantal	opção de curso: programação visual (em 1968 requereu matrícula mas não abandonou o curs NÃO				Solteira	Copacabana	20 anos	Brasileira
1967	Beatriz Mira Andreu	opção de curso: programação visual (Não apresentou trabalho de conclusão de curso NÃO				Solteira	Copacabana	18 anos	brasileira
1967	Diva Maria Pires Ferreira Gonçalves de Araújo	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual		SIM		1971 Casada	Flamengo	30 anos	brasileira
1967	Eduarda Duvioler	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual		NÃO		Solteira	Laranjeiras	21 anos	brasileira
1967	Isabel Maria de Oliveira	opção de curso: desenho industrial	Renovou matrícula em 1970 e 1970 mas não frequet SIM			1980 Solteira	Volta Redonda	18 anos	brasileira
1967	Lia Monica Rossi	opção de curso: desenho industrial		SIM		1970 Solteira	Niterói	22 anos	brasileira
1967	Maria del Carmen C.T. de Silva Zilio	opção de curso: desenho industrial	Reprovou em 1970, em 1971-1972 requereu o tranc SIM			1973 Solteira	Ipanema	22 anos	argentina
1967	Maria Lucia da Gama e Abreu Valladao	opção de curso: programação visual (Trancou matrícula em 1969 a 1972. Solicitou matrici NÃO				Solteira	Laranjeiras	20 anos	brasileira
1967	Maria Luiza Cisalpino Penna	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual		SIM		1970 Solteira	Copacabana	19 anos	brasileira
1967	Rosa Maria Mello da Matia	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual		SIM		1970 Solteira	Rio Comprido	23 anos	brasileira
1967	Roseleio Tolentino Castro Rebelo	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual		SIM		1970 Solteira	Copacabana	19 anos	brasileira
1967	Rosângela Henry de Jorge	opção de curso: desenho industrial	Em 1970 não apresenta trabalho de formatura. Em 1 NÃO			Solteira	Petropolis	20 anos	brasileira
1967	Suzana Hermes da Fonseca	opção de curso: programação visual (No seu quarto ano em 1970 não frequentou NÃO				Solteira	Tijuca	21 anos	brasileira
1968	Alta Lopes Godinho	opção de curso: programação visual (Em 1970 trancou a matrícula		NÃO		Solteira	Laranjeiras	24 anos	brasileira
1968	Anita Holck Lajlani	opção de curso: programação visual (Trancou matrícula em 1971, mas em 1972 volta par SIM				1972 Solteira	Leblon	18 anos	brasileira

Fonte: Acervo Pessoal

Outra análise que tive e coloquei na planilha do formulário de inscrição foi constatar que quando registrado os nomes dos pais, apenas havia profissão para registro apenas do pai, e da mãe apenas o nome. Conforme os anos avançaram, apareceram, porém poucos, registro do nome da mãe e da profissão, mas ainda assim oficialmente não se pedia a profissão da mulher. Estas observações entram na planilha no começo, porém decidi que elas eram melhor esclarecidas se fossem pontuadas no relatório, invés de serem retratadas visualmente, pois os dados não eram contínuos, às vezes não era informado, e poderia ser confuso para montar o gráfico, já que em primeiro momento, o meu enfoque estava sendo em incidências de informações.

Após estas decisões comecei a tabelar a minha planilha direcionada a perguntas que queria apontar sobre aquelas alunas, e que o acervo podia me responder. Perguntas em que regiões elas moram no Rio me interessavam, então foi algo que coloquei na planilha, já que havia o endereço de residência no formulário de inscrição. Comecei a ver que haveria como tabelar a situação das alunas em questão de suas matrículas e iniciei o detalhamento sobre o trancamento e reprovações por exemplo, que acabou resultando em outra coluna que informava se a aluna tinha se formado ou não, o que seria útil, pois mostraria mais clareza na tradução quando criava os gráficos.

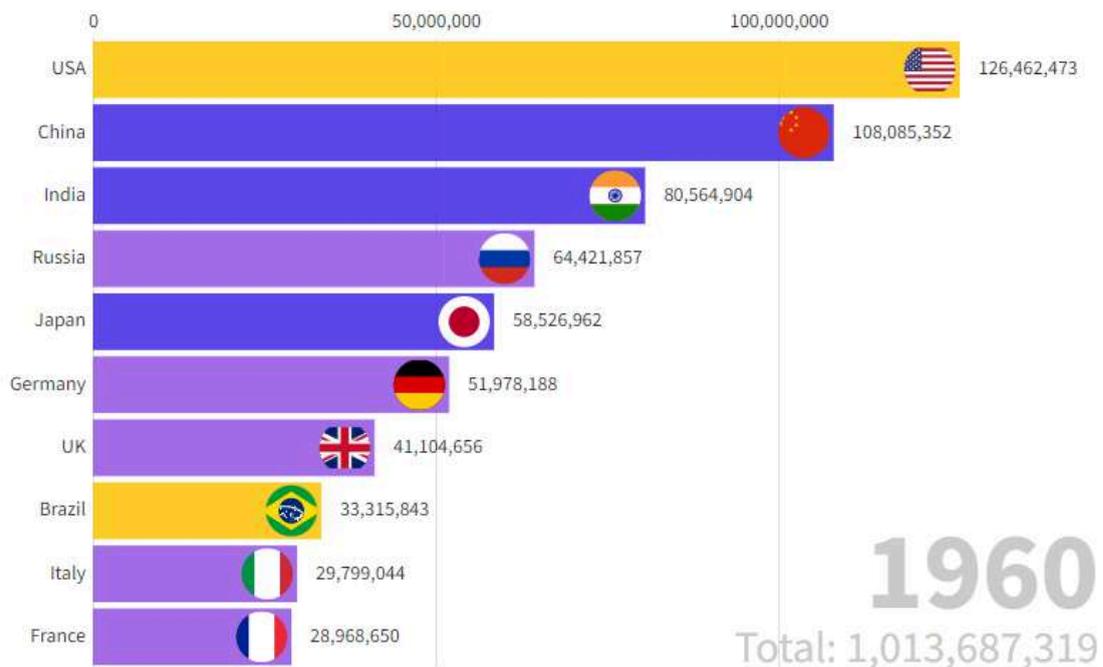
Ainda observando o formulário de inscrição podíamos ver o estado civil, idade e nacionalidade, estes considerei dados importantes e fui construindo a tabela. A Partir daqui havia acabado o trabalho braçal coletando todos os dados um por um de cada pasta, tinha chegado a hora de organizar a planilha e decidir o que seria feito com tantas informações e como visualizá-las

Com auxílio da minha orientadora pedimos orientação da professora Bárbara Castro para me ajudar nesta parte de visualização de dados, em como e onde seria possível fazer as melhores representações com dados que obtive no acervo, e a convite dela fui convidada a participar de oficina usando o flourish como ferramenta. Obtive maior familiaridade com o site a partir desta aula e continuei a estudar ela em casa, mas para construção dos gráficos tive que levar em consideração alguns parâmetros sobre a representação da visualização.

Existem tipos diferentes de gráficos para representar informações diferentes, dependendo da pergunta feita aos dados haverá gráficos com o objetivo de comparação, proporção, locais, movimento ou evolução e mais. Vamos a alguns exemplos:

Para gráficos de comparação: Tem como indicadores a quantidade em contraposição a outros territórios e categorias, estes podem comparar muitas categorias ou até poucos. Quando há poucas categorias o mais ideal para representação é o de barras ou colunas, quando são muitas categorias a serem comparadas o melhor é usar com o gráfico de área, pois assim a quantidade vai também ser levada em conta, mas espalhadas em maiores pontes de incidência e menores, para poucos de incidência.

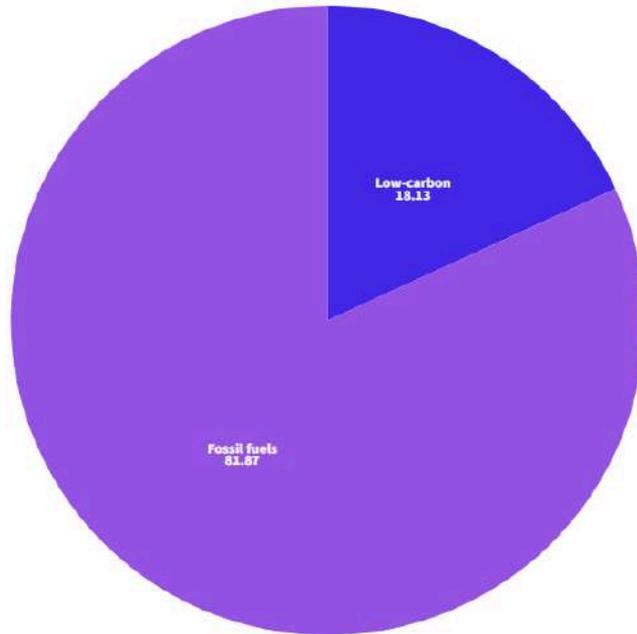
Figura 22: Exemplo do gráfico de barras.



Fonte: Flourish

Para gráficos de proporção: Usado para representar partes de um todo, ou seja, uma esfera dividida em partes indicando aspectos que somados representam a realidade. Geralmente são os gráficos em formato circular, dividido em setores.

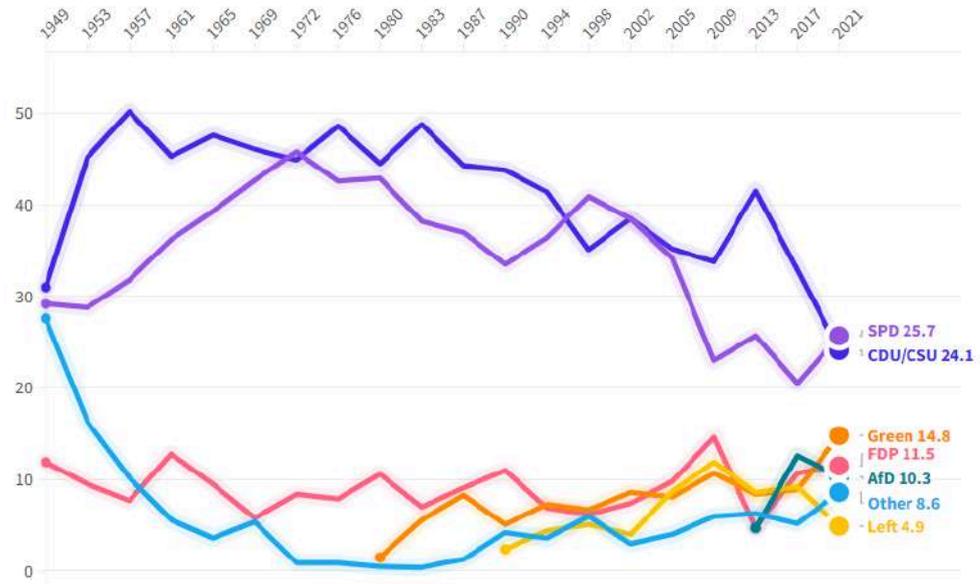
Figura 23: Exemplo de um gráfico “fatiado”



Fonte: Flourish

Gráficos de evolução: Podem ser representadas como gráfico de linhas, indicam uma sequência ao longo do tempo, nele podemos observar transformações ao longo dos anos através das sequências numéricas. Além de poderem indicar evoluções.

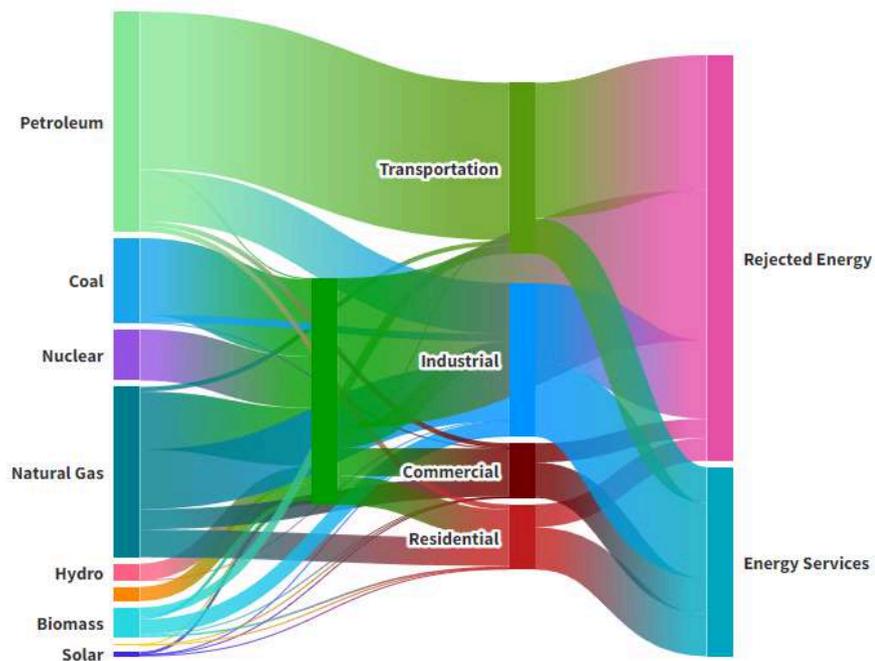
Figura 24: Exemplo de um gráfico de linhas apresentando evolução.



Fonte: Flourish

Gráfico de fluxos: Próprio para representar mudanças de relacionamentos, processos, sistemas ou escolhas. Este tipo de gráfico tem como objetivo quantificar entradas e saídas e detalhes de um processo.

Figura 25: Gráfico Sankey representando a visualização de fluxos.



Fonte: Flourish

Com os tipos de gráficos e objetivos estudados era hora de fazer as perguntas para a planilha que construí, ao total foram 7 perguntas que geraram gráficos usando os tipos de representações mais apropriados para cada objetivo. Importante informar que da planilha principal se originaram outras planilhas destinadas a construção do gráfico destinado a uma pergunta específica, com os dados isolados para a sua pergunta específica.

Figura 26: Em amarelo outras planilha que se originaram para a criação dos gráficos

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
Ano	Nome	Curso a Seguir	Situação da matrícula	Se tomou?	Ano de Formatura	Estado Civil	Bairro onde mora	Idade	Nacionalidade			
1963	Gilda de Castro Silveira	opção de curso: desenho industrial	Não há registro de histórico	NÃO		Solteira	Copacabana	27 anos	Brasileira			
1963	Margarida Maria Vivacqua de Figueiredo	opção de curso: desenho industrial	Registro Incompleto. Vai até o seu segundo ano	NÃO		Casada	Jardim Botânico	26 anos	Brasileira			
1963	Maria Cristina Kari Bastilo	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual		SIM	1966	Solteira	Jardim Botânico	19 anos	Brasileira			
1963	Márlena Pereira da Silva Marques de Carvalho	opção de curso: desenho industrial		SIM	1966	Solteira	Botafofo	20 anos	Brasileira			
1963	Sylvia Silva Granville	opção de curso: desenho industrial		SIM	1966	Solteira	Jardim Botânico	22 anos	Brasileira			
1964	Ana Maria Lobo de Oliveira	opção de curso: desenho industrial	Em 1967 não apresentou trabalho de formatura. E	NÃO		Solteira	Copacabana	21 anos	Brasileira			
1964	Ana Luiza Escorel	opção de curso: desenho industrial	Em 1965 trancou a matrícula, volta em 1966 e se f	SIM	1968	Solteira	Copacabana	20 anos	Brasileira			
1964	Débora Lopes	opção de curso: desenho industrial	Não apresenta trabalho de formatura	NÃO		Solteira	Copacabana	22 anos	Brasileira			
1964	Evangelina da Rocha Lima M. Oliveira	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual		SIM	1967	Solteira	Flamengo	21 anos	Brasileira			
1964	Iole Antunes de Freitas	opção de curso: programação visual	Não há registro de histórico	NÃO		Solteira	Ipanema	19 anos	Brasileira			
1964	Izabel Murinho	opção de curso: programação visual	1967 não renova a matrícula, não se formou	NÃO		Solteira	Copacabana	20 anos	Brasileira			
1964	Lucy Carlinda Niemeyer de Farias	opção de curso: desenho industrial	Trancou em 1967, mas se formou em 1968	SIM	1968	Solteira	Copacabana	19 anos	Brasileira			
1964	Maria Teresa Lício Marques Pontual	opção de curso: desenho industrial		SIM	1967	Solteira	Leblon	20 anos	Brasileira			
1964	Myriani Graber	opção de curso: desenho industrial	Trancou para os períodos de 1965, 1966 e 1967	SIM	1970	Se casou depois	Leme	26 anos	Brasileira			
1964	Sandra Fanzores	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual		SIM	1967	Solteira	Copacabana	20 anos	Brasileira			
1964	Silvia Ferreira	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual		SIM	1967	Solteira	Copacabana	20 anos	Brasileira			
1964	Sônia Ramallete de Aguiar	opção de curso: programação visual	Trancou em 1965, voltou, foi reprovada em 1967.	SIM	1969	Solteira	Flamengo	18 anos	Brasileira			
1965	Ana Luiza Ozório de Almeida	opção de curso: desenho industrial	Trancou em 1968, aparentemente não se formou	NÃO		Solteira	Botafofo	21 anos	Brasileira			
1965	Carla Capelo	opção de curso: programação visual	Não apresentou trabalho de conclusão de curso n	NÃO		Solteira	Gavea	22 anos	Brasileira			
1965	Helena Guimarães Costa	opção de curso: programação visual	Não frequentou o curso, logo não se formou	NÃO		Solteira	Leblon	25 anos	Brasileira			
1965	Maria Regina Mathieu	opção de curso: desenho industrial	Não apresentou trabalho de conclusão de curso	NÃO		Solteira	Copacabana	20 anos	Brasileira			
1965	Regina Célia Souza Pereira	opção de curso: programação visual	Não apresentou trabalho de conclusão de curso n	NÃO		Solteira	Praça da Bandeira	18 anos	Brasileira			
1965	Solange Castanheira Beneditimol	opção de curso: desenho industrial	Trancou a matrícula em 67, aparentemente não ref	NÃO		Solteira	Copacabana	22 anos	Brasileira			
1965	Susana Maria Serezo de Oliveira	opção de curso: programação visual	Não apresentou trabalho de conclusão de curso	NÃO		Solteira	Ipanema	26 anos	Brasileira			
1965	Sylvia Heller de Vasconcelos	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual		SIM	1968	Casada	Laranjeiras	22 anos	Brasileira			
1965	Sylvia Alves de Sousa	opção de curso: programação visual	Reprovada em 1967 continua, mas em 1968 não e	NÃO		Solteira	Leblon	30 anos	Brasileira			
1965	Tereza Maria Neto	opção de curso: programação visual	Solicitou cancelamento de matrícula no período de 1	SIM	1972	Solteira	Leblon	21 anos	Brasileira			
1965	Verá Lia Germano de Cerqueira	opção de curso: desenho industrial	Trancou em 67, mas volta em 68 e em 1969 é repr	NÃO		Solteira	Laranjeiras	20 anos	Brasileira			
1966	Angela Lemos Bastos	opção de curso: desenho industrial		SIM	1969	Solteira	Ipanema	18 anos	Brasileira			
1966	Ana Luisa Moraes Nunes de Souza	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual		SIM	1969	Solteira	Cosme Velho	20 anos	Uruguaia			
1966	Gloria Maria de Brito Pereira Lobo	opção de curso: programação visual	Em 69 foi reprovada. Em 70 e 71 requereu o tranc	SIM	1972	Solteira	Ipanema	21 anos	Brasileira			
1966	Heloisa Brandão Crosco	opção de curso: programação visual	Reprovada em 1969 no trabalho de formatura	NÃO		Solteira	Tijuca	21 anos	Brasileira			
1966	Ise Cassia Andrade de Carvalho	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual		SIM	1969	Casada	Copacabana	27 anos	Brasileira			

Fonte: Acervo Pessoal

9.1 Comparação de homens e mulheres de cada turma de 1963 até 1974

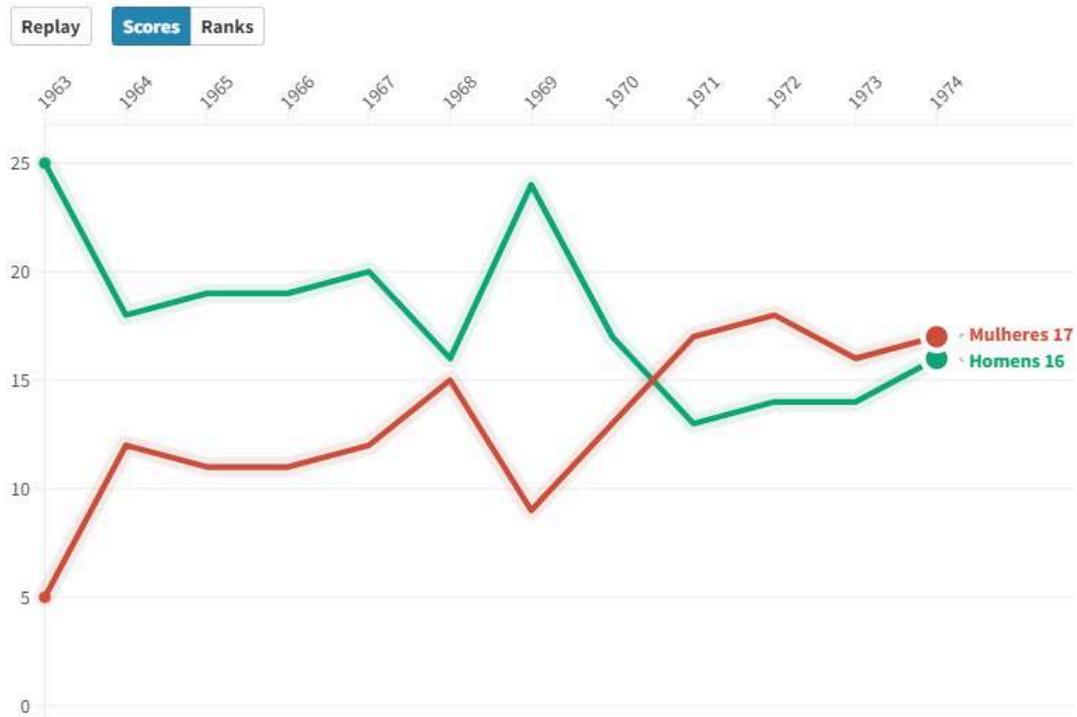
Figura 27: Tabela do Flourish com os dados de entrada de homens e mulheres

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
Ano	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974
Homens	25	18	19	19	20	16	24	17	13	14	14	16
Mulheres	5	12	11	11	12	15	9	13	17	18	16	17

Fonte: Acervo Pessoal

A primeira pergunta feita foi ‘quantas mulheres estavam matriculadas em cada turma?’ depois de finalizar a minha planilha. Para produzir este gráfico, foi usado o gráfico de linha para dar ideia de proporção e evolução entre homens e mulheres, além de colocar em perspectiva o passar dos anos para o espectador ver com mais clareza a comparação. Ao começar a investigação da quantidade de mulheres nas turmas, eu já sabia previamente pelo o livro do Pedro Luiz “ESDI: biografia de uma ideia”, que no total de 30 alunos da primeira turma, apenas 5 eram mulheres. Eu tinha suspeitas de que iria haver um ponto de virada, que as mulheres seriam a maioria anos mais tarde, mas para minha surpresa esse momento veio muito antes, comecei esta contagem inicialmente de 1963 até 2009. Pode-se observar que a década de 70 foi a maior em quantidade de mulheres, antes denominada apenas homens como maioria desde da fundação da escola, acabando por atingir o equilíbrio em 1974.

Figura 28: Representação feita no flourish comparando homens e mulheres que ingressaram na ESDI da turma de 1963 a 1974.



Source: Wahlrecht.de

Fonte: Acervo Pessoal

É interessante observar por este gráfico a lenta inserção das mulheres na primeira turma ao longo dos anos, até 1968 pela a representação havia uma tendência delas equilibrarem em quantidade com os homens, mas por algum motivo em 1969 há uma grande queda e há apenas 9 alunas contra 24 alunos homens. Elas irão de fato ser maioria apenas em 1971 com 17 mulheres contra 13.

O gráfico apesar de apresentado de forma estática neste documento ele foi feito de forma interativa que pode ser acessada através do link: <https://app.flourish.studio/visualisation/15368969/edit>

9.2 Mas quantas se formaram?

Figura 29: Dados brutos usados no Flourish para a formação da visualização.

A	B
Se formou?	Alunas
Se formaram	100
Não se formaram	56

Fonte: Acervo Pessoal

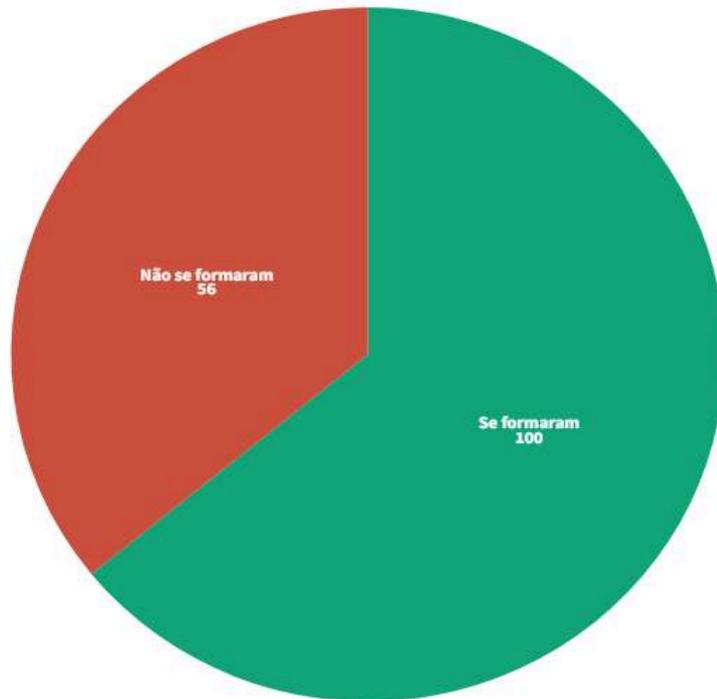
A segunda pergunta veio depois de analisar quantas alunas tinha em cada turma, comecei a me perguntar quantas delas tinham se formado. Uma das influências de fazer esta pergunta é que ao longo da leitura das pastas dos estudantes contava informações de trancamento de matrícula, reprovação ou até mesmo abandono. Através destas informações pude rastrear e converter em números para realização do gráfico.

De 1963 até 1974 156 mulheres ingressaram na escola, desse total 100 se formaram e 56 não foram até o final do curso. Como houve um baixo ingresso de mulheres desde do início da fundação da escola, esperei um número bem maior de não formadas. Porém dentro de uma porcentagem este número transfere 35,9% do total, uma quantidade ainda significativa a ser observada.

Neste tipo de gráfico, foi usado para representação o de proporção, de formato circular, dividido em dois setores, as que não se formaram, em vermelho, e as que se formaram em verde. O objetivo era comparar visualmente as duas categorias.

Figura 30 : Gráfico comparando quantas alunas não se formaram, com as que se formaram.

■ Se formaram ■ Não se formaram



Fonte: Acervo Pessoal

O gráfico pode ser encontrado de forma interativa através do link:

<https://app.flourish.studio/visualisation/15838750/edit>

9.3 Estado Civil

Figura 31: Dados brutos usados no Flourish para a formação da visualização.

ABC	A	123	B
	Estado Civil		Estudantes
	Solteiras		141
	Casadas		12
	Se casou depois da matrícula		3

Fonte: Acervo Pessoal

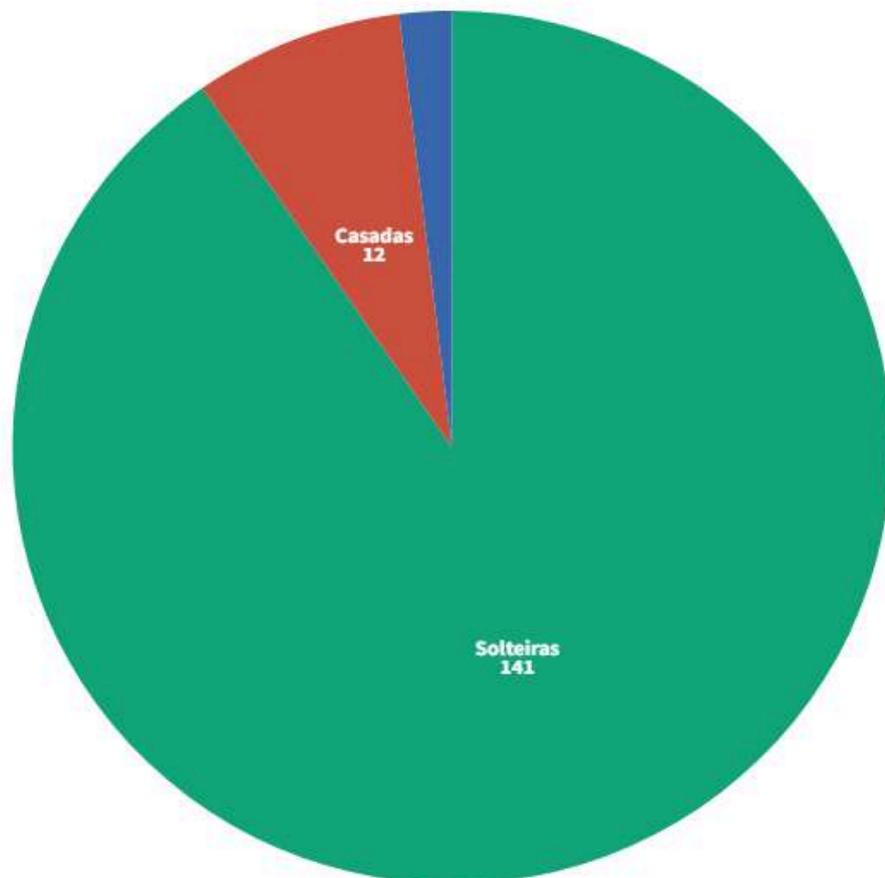
Havia uma intenção como eu descrevi anteriormente de cruzar dados, queria visualizar quantas eram casadas e solteiras dentro da informação de quantas alunas tinham se formado ou não, porém me deparei com outra categoria enquanto fazia minha pesquisa, comecei a notar que existem alunas que se

casaram depois que entraram no curso. Pude observar isso pois na inscrição para a escola constava solteira no estado civil, mas ao folhear as páginas da pasta, reparei uma certidão de casamento anexada com data geralmente no ano que a aluna entrou ou posterior ao ano de entrada. Foi uma surpresa constatar isto, porque o meu olhar estava direcionado apenas a mulheres casadas e solteiras, inclusive isto é uma informação tão sutil que me pergunto se não deixei outras passarem quando estava categorizando apenas as outras duas. Foi talvez um dos momentos mais legais de experimentar como pesquisadora, aprender com os registros, outra categoria a ser analisada que não era tão óbvia a princípio.

Neste gráfico fez uso de representação com objetivo de sinalizar a proporção novamente, mas agora com 3 setores para comparação. No total são 141 solteiras, 12 casadas e 3 que se casaram depois que entraram na escola.

Figura 32: Gráfico separado em três categorias em situação civil das alunas.

■ Solteiras ■ Casadas ■ Se casou depois da matrícula



Fonte: Acervo Pessoal

O gráfico aqui apresentado pode ser encontrado de forma interativa através do link: <https://app.flourish.studio/visualisation/15839845/edit>

9.4 Nacionalidade

Figura 33: Dados brutos usados no Flourish para a formação da visualização.

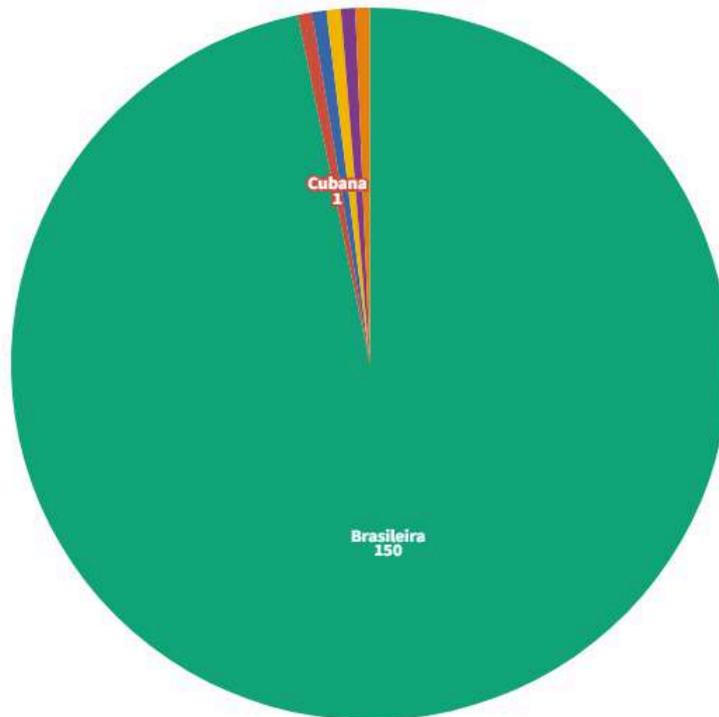
ABC	A	123	B
	Nacionalidade		Alunas
	Brasileira		150
	Cubana		1
	Italiana		1
	Argentina		1
	Uruguaia		1
	Polonesa		1

Fonte: Acervo Pessoal

Ao longo da pesquisa sobre a ESDI, percebemos muito da influência estrangeira na fundação da escola, com os professores de fora do país nos primeiros anos auxiliando em aulas, como a até a própria estrutura da escola pensada por eles. Com o arquivo era possível identificar a nacionalidade dessas alunas e me fiz a quarta pergunta: se a proposta da escola sobre implementar o design, em um país em que não existia até então uma curso de ensino superior, foi em sua maioria brasileiras?

Figura 34: Gráfico separado em 6 setores de nacionalidades diferentes pertencentes às alunas.

■ Brasileira ■ Cubana ■ Italiana ■ Argentina ■ Uruguiaia ■ Polonesa



Acervo Pessoal

Através deste gráfico pude confirmar que a maioria eram de fato brasileiras e que apenas 5 estrangeiras passaram pela a escola durante o tempo de 1963 até 1974. Dessas, apenas duas não se formam, que é a aluna de cidadania Italiana e Polonesa. Para realizar a representação visual escolhi um gráfico que demonstra comparação e proporcionalidade, agora com 6 categorias para comparar a proporção.

Também pode se encontrar de forma interativa através do link:

<https://app.flourish.studio/visualisation/15839943/edit>

9.5 Qual era a idade destas alunas?

Figura 35: Dados brutos usados no Flourish para a formação da visualização.

A	B
Faixa	Idade
17-20	96
21-25	49
26-30	10

Fonte: Acervo Pessoal

Para a quinta pergunta, decidi representar graficamente a idade destas alunas que ingressaram na faculdade, e para este gráfico tive que estipular intervalos de idade para representação e posteriormente para fins de comparação. Como o meu objetivo era comparar, usei de gráficos de barras, distribuindo todas as alunas em três intervalos de idade, 17-20, 21-25 e 26-30. Usei o critério destas faixas considerando o fim da adolescência e o início da fase jovem adulta, o começo até a metade desta fase e por último, dos anos finais dos vinte para os começo dos trinta anos. Já havia suspeitas de que a maioria estaria na faixa dos 17-20 anos, mas não queria deixar de analisar e representar dados tão essenciais e que estavam disponíveis nos seus formulários de inscrição.

Mais da metade das estudantes estavam entre na faixa de 17 a 20 anos, contabilizando 96, na faixa dos 21 a 25 contabilizavam 49 alunas e por últimos na faixa dos 26 a 30, havia apenas 10. Pelo o gráfico a mais nova aluna a ingressar entre os anos de 1963 até 1974 foi de 17 anos e a mais velha de 30 anos.

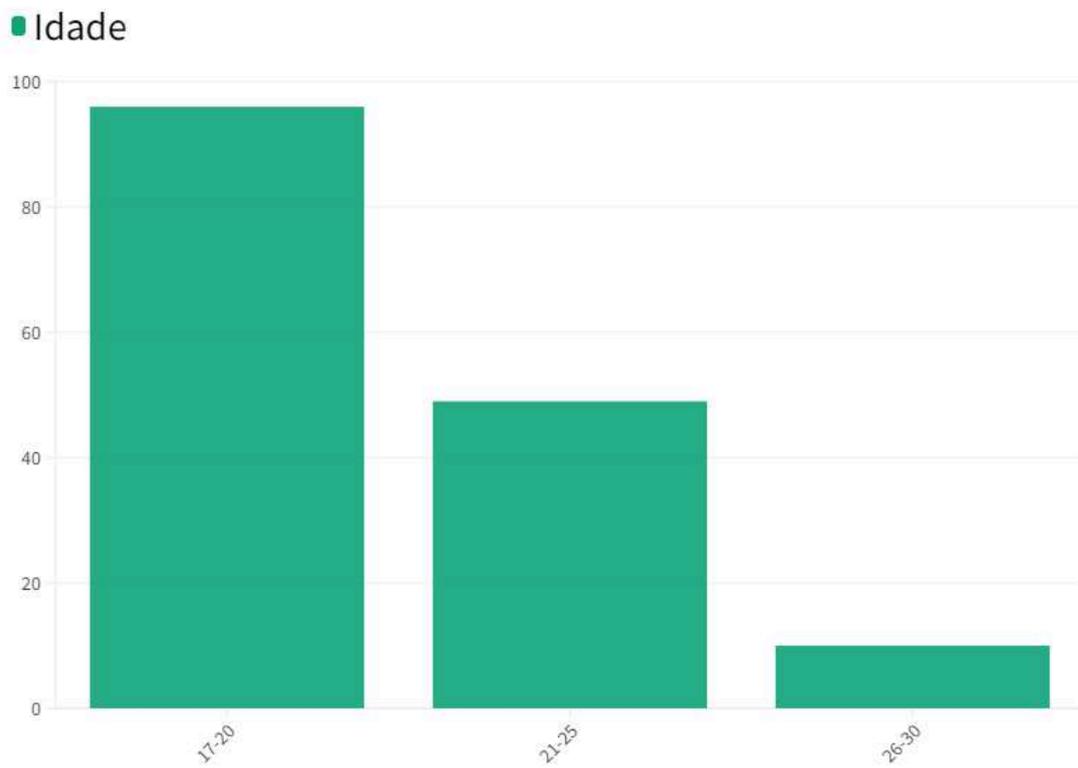


Figura 36: Gráfico dividido em três intervalos de idade representando as alunas.

O gráfico pode ser encontrado de forma interativa através do link:
<https://app.flourish.studio/visualisation/15779715/edit>

9.6 Onde moravam?

Figura 37: Parte dos dados brutos do Estado do Rio de Janeiro usados no Flourish para a formação da visualização.

A	B	C	D
Município	Bairro	Alunas	Ano
Rio de Janeiro	Copacabana	1	1963
Rio de Janeiro	Jardim Botânico	1	1963
Rio de Janeiro	Jardim Botânico	1	1963
Rio de Janeiro	Botafogo	1	1963
Rio de Janeiro	Jardim Botânico	1	1963
Rio de Janeiro	Copacabana	1	1964
Rio de Janeiro	Copacabana	1	1964
Rio de Janeiro	Copacabana	1	1964
Rio de Janeiro	Flamengo	1	1964
Rio de Janeiro	Ipanema	1	1964
Rio de Janeiro	Copacabana	1	1964
Rio de Janeiro	Copacabana	1	1964
Rio de Janeiro	Leblon	1	1964
Rio de Janeiro	Leme	1	1964
Rio de Janeiro	Copacabana	1	1964
Rio de Janeiro	Copacabana	1	1964

Fonte: Acervo Pessoal

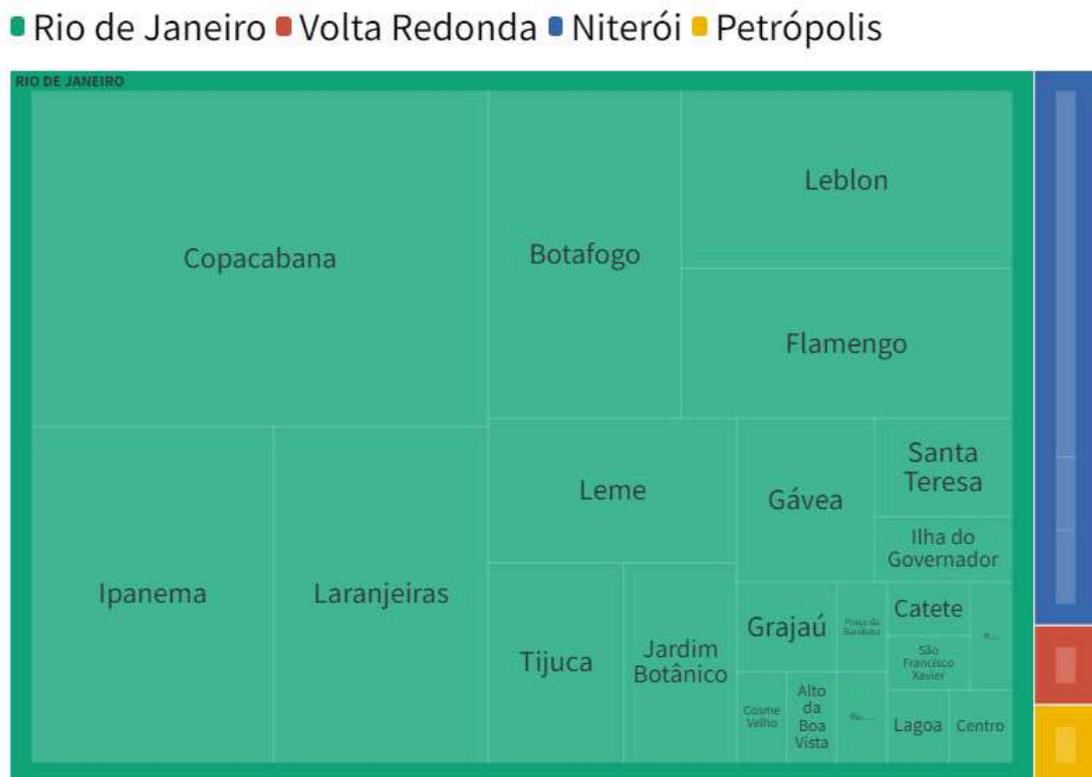
A sexta pergunta, a que mais quis responder é em que partes do Rio elas moravam, pois enquanto moradora de Queimados na Baixada Fluminense é uma questão que me inquietava muito e me atravessa durante a minha vida, de querer achar outras pessoas se assemelham a mim e também levantar a questão de ‘seria possível morar aonde eu moro neste recorte temporal da minha pesquisa estudar na ESDI?’. Por isso queria chegar a este ponto na coleta de dados e trazer para a discussão.

Eu tinha suspeitas que o perfil seria em sua maioria moradores da Zona Sul do Rio ao analisar o município, suspeitas essas que se confirmaram. No formulário de inscrição vinha a residência da aluna no ano de ingresso da faculdade, porém em algumas pastas podia se observar em outros documentos a mudança de moradia ao longo dos anos de duração da

graduação. Para manter uma linha de raciocínio e não me perder, já que tinha algumas alunas que mudavam de residência mais de 2 vezes, considerei para tabelar apenas o primeiro registro no ano que entravam. Alguns formulários, vinha com endereço apenas, mas sem digitar o bairro, para a visualização de dados, tive que pesquisar os bairros a partir destes endereços no formulário, geralmente sendo bairros de outros municípios.

Outra questão importante que deve ser relatada, é que coletei os dados como bairros da cidade do Rio e bairros de outros municípios, e para melhor visualização dos dados separei em dois mapas, em um do município, separados por zonas, contendo os bairros que as alunas moram e outro gráfico tendo como referência o estado do Rio.

Figura 38: Gráfico como critério de análise o estado do Rio de Janeiro



Fonte: Acervo Pessoal

Em um gráfico também interativo, onde o usuário escolhe o ano em que quer visualizar onde residem as alunas, foi escolhido um gráfico de área que valoriza o número de incidências de uma zona dentro do município do Rio, e os coloca em hierarquia através do tamanho da área. Este tipo de gráfico foi escolhido pois serve para propósito de comparação, que é o meu objetivo, e

também abarca muitas categorias de forma que é melhor visualizado por este tipo.

Um dos pontos que podemos observar ao analisar o gráfico de 1964 até 1974 é a ausência da Zona Oeste, predominância de moradoras da Zona Sul com 130 alunas e a presença tímida da Zona Norte com apenas 11 alunas.

O gráfico para melhor visualização pode ser encontrado de forma interativa através do link:

<https://app.flourish.studio/visualisation/15710566/edit>

Figura 39: Gráfico como critério de análise o Município do Rio de Janeiro



Fonte: Acervo Pessoal

Após organizar o gráfico dos bairros do município do Rio, desenvolvi outro gráfico abrangendo o estado, ou seja, todos os municípios do estado, pois durante a minha coleta de dados foram coletados outros bairros fora da cidade.

O gráfico pode ser encontrado de forma interativa através do link: <https://app.flourish.studio/visualisation/15711906/edit>

Figura 40: Parte dos dados brutos de moradia do município do Rio usados no Flourish para a formação da visualização

A	B	C	D
Zona	Bairro do Rio de Janeiro	Alunas	Ano
Zona Sul	Copacabana	1	1963
Zona Sul	Jardim Botânico	1	1963
Zona Sul	Jardim Botânico	1	1963
Zona Sul	Botafogo	1	1963
Zona Sul	Jardim Botânico	1	1963
Zona Sul	Copacabana	1	1964
Zona Sul	Copacabana	1	1964
Zona Sul	Copacabana	1	1964
Zona Sul	Flamengo	1	1964
Zona Sul	Ipanema	1	1964
Zona Sul	Copacabana	1	1964
Zona Sul	Copacabana	1	1964
Zona Sul	Leblon	1	1964
Zona Sul	Leme	1	1964
Zona Sul	Copacabana	1	1964
Zona Sul	Copacabana	1	1964

Fonte: Acervo Pessoal

No total são apenas 9 alunas que aparecem nos anos de 1967, 1969, 1972 e 1974. Em 1967 há 1 aluna para os municípios de Niterói, Volta Redonda e Petrópolis. Em 1969 apenas 2 de Niterói, já em 1972 o número reduz, voltando para apenas 1 aluna de Niterói e 1974 o número sobe para 3.

Chama atenção em como não há muita variação de outros municípios e como o número de pessoas residentes neles são bem menores.

Em resumo, no ano de 1963 e 1964 predominantemente só há moradoras da Zona Sul, e é em 1965 que este quadro muda um pouco, e nem é tanto, pois aparece apenas uma aluna que mora na região da Zona Norte.

De forma geral, durante os anos de 1963 até 1974 não há muita variação, só no ano de 1967 que é mais diversificado, aparece moradoras da Zona Central, Volta Redonda, Niterói e Petrópolis, mas a Zona Sul permanece sendo maioria. É importante ressaltar que todos os anos a maioria era moradoras da Zona Sul, o que confirmou as minhas suspeitas iniciais, que não haveria moradores da Baixada Fluminense e nem da Zona Oeste do Rio.

No total são 130 alunas moradoras em bairros da Zona Sul, 12 na Zona Norte, 7 do município de Niterói, 4 no Centro, 1 em Volta Redonda e Petrópolis.

9.7 Desenho Industrial ou Programação Visual?

Figura 41: Dados brutos usados no Flourish para a formação da visualização.

A	B	C
Alunas	Opção de curso	Quantidade
1963	Desenho Industrial	4
1963	Comunicação Visual	1
1964	Desenho Industrial	6
1964	Comunicação Visual	6
1965	Desenho Industrial	4
1965	Comunicação Visual	7
1966	Desenho Industrial	2
1966	Comunicação Visual	8
1966	Não informado	1
1967	Desenho Industrial	4
1967	Comunicação Visual	8
1968	Desenho Industrial	2
1968	Comunicação Visual	13
1969	Desenho Industrial	3
1969	Comunicação Visual	6

Fonte: Acervo Pessoal

E por fim a última pergunta, no começo da ESDI a aluna cursava o ciclo básico e depois optava para qual área queria seguir nos estudos. Havia duas opções: Design Industrial e Programação Visual, também chamada de Comunicação Visual. Esta informação também estava presente no formulário de inscrição da candidata. A coleta de dados e por consequência o gráfico, vai apenas até 1969 pois em 1970 a aluna não precisava fazer a escolha, ela faria as duas especialidades.

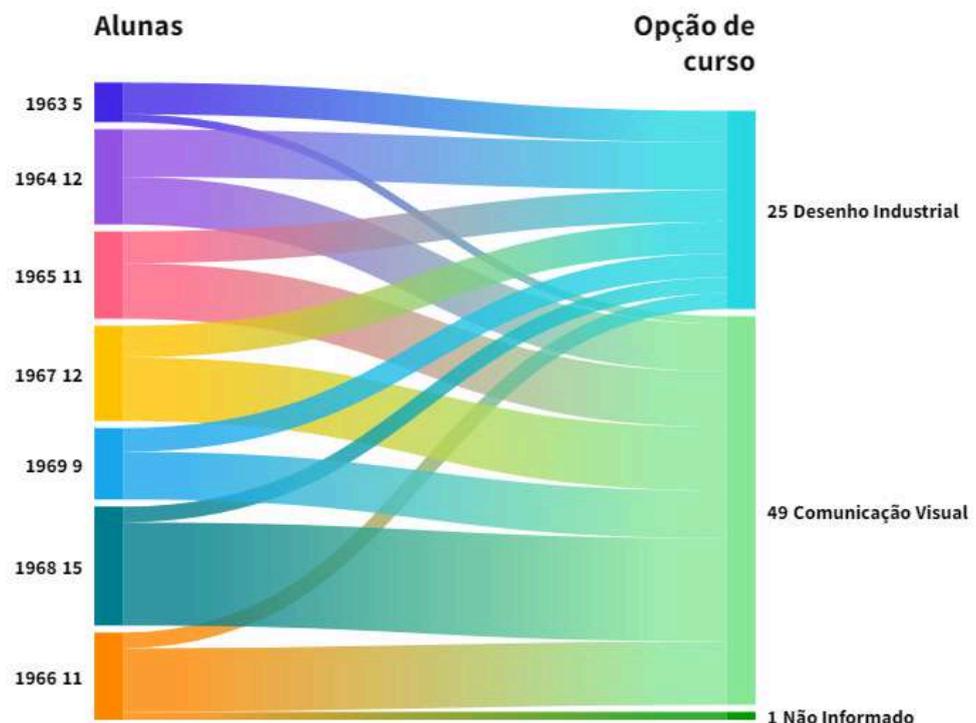
O gráfico escolhido para representação destes dados foi o gráfico de fluxos, justamente por ele conseguir passar a ideia de escolhas e melhor representação visual desses dados.

Sigo a linha de criar um gráfico interativo, onde o usuário pode passar o cursor pelas as linhas e indicar quantas pessoas optaram por aquela escolha. Quando comecei a coletar os dados das escolhas das alunas, eu tinha suspeitas que a escolha de formação em desenho industrial cairia, conforme os anos. Ao montar o gráfico, essas suspeitas se confirmaram.

De 1963 até 1970 podemos observar a preferência por desenho industrial nos primeiros anos, mas logo que os anos avançam vemos a tendência de comunicação visual ser mais escolhida e por fim, ser maioria entre as alunas.

Fatores podem ser atribuídos a esta mudança, como por exemplo no início da escola se voltavam para a promessa da indústria brasileira, criar profissionais para criar produtos para as fábricas, mas também vemos conforme os anos de contextualização das décadas o crescente números de escritórios no Brasil voltadas a criação de identidade visual das marcas do estado.

Figura 42: Gráfico apresentando a quantidade de estudantes na escolha entre desenho industrial e comunicação visual.



Fonte: Acervo Pessoal

O gráfico pode ser encontrado de forma interativa através do link:

<https://app.flourish.studio/visualisation/15370280/edit>

10. Produto Final:

O produto final desta pesquisa consiste em slides/pranchetas de formato de 1920 px x 1080 horizontal, este formato foi escolhido para melhor visualização dos gráficos, além de ter espaço para títulos e textos adicionais para melhor compressão da visualização.

Os slides são destinados a telas digitais, desktop, celular e tablet. Celular e tablet terão maior visibilidade com a função de girar para a

horizontal. Complementos como a possibilidade de zoom devem ser explorados para detalhes menores no gráfico.

A ideia de compor um slide como objeto final, foi dar roupagem, chamar atenção do público e divulgar as descobertas feitas a partir desta pesquisa.

Foi usado o Canvas como ferramenta para compor os slides, pois com ela os gráficos do flourish poderiam ser interativos, visto que o flourish permite uma ponte entre os dois programas.

10.1 Tipografia

Para títulos e aberturas foi usada a fonte “Now” e para subtítulos e corpo do texto foi usada a “Questrial”. Para fazer a distinção entre subtítulo e texto o tamanho da fonte foi a melhor forma visual utilizada. A combinação entre as duas tipografias trouxe harmonia ao projeto.

10.2 Paleta de Cores

Figura 35: Violeta, Verde e Laranja com as principais cores.



Para a paleta de cor, quis fugir de tons convencionais que debatem o tema, como o rosa e tons pastéis, portanto decidi trabalhar com cores secundárias para a abordagem ao tema. O violeta, verde e laranja foram usados ao longo de todo o projeto alternando entre si em cores de fundo ou da letra e o branco foi usado também como cor de apoio, para maior legibilidade. Os gráficos também seguiram como fundo violeta para apresentação do slide, já a paleta de cores do flourish usada nos gráficos.

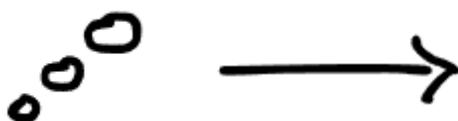
Figura 36: Flourish Legacy, paleta escolhida para a maioria das cores dos gráficos feitos no Flourish.



10.3 Elementos de apoio

Fiz grafismos a mão, seja de setas para indicar continuidade da leitura ou ilustração de balões de pensamentos, para dar um toque mais pessoal à pesquisa, já que a pesquisa parte de um lugar pessoal de mim.

Figura 37: Algumas das figuras feitas a mão, alusão a pensamentos e seta.



10.4 O slide

Capa: Apresentando a capa do trabalho, contendo o título e proposta.



Apresentação: do trabalho, contando um pouco dos motivos, orientação e tempo que passei no arquivo.

ESCOLA SUPERIOR DE DESENHO INDUSTRIAL



Apresentação

Objetivos, inquietações e motivações

Como trabalho de conclusão final de curso estes slides com gráficos interativos são resultado de uma pesquisa para a minha formação em Design na ESDI/UERJ

A partir do arquivo da escola, foram levantados dados sobre as alunas, entre 1963 a 1974, antes da escola se integrar à UERJ. Para cada pergunta - motivado por inquietações pessoais - foi criado um gráfico.

APRESENTAÇÃO



ESCOLA SUPERIOR DE DESENHO INDUSTRIAL



Meu tempo no arquivo era limitado, tinha acesso das 8 horas da manhã até 14 horas da tarde com disponibilidade de ir duas vezes na semana, trabalho esse que foi feito de agosto até dezembro de 2023.

Foram mais de 150 arquivos lidos para a coleta de dados, que foram manualmente tabelados em uma planilha.

Foto: Arquivo da ESDI



Fonte: Arquivo pessoal

APRESENTAÇÃO



Perguntas: Apresentação do que serão abordados nos gráficos.

ESCOLA SUPERIOR DE DESENHO INDUSTRIAL



Perguntas



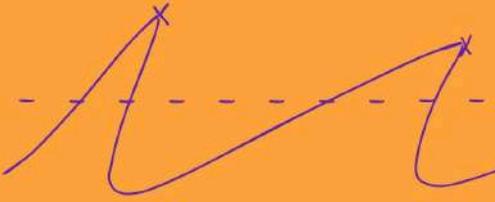
- Qual era o número de mulheres e homens que ingressaram na ESDI? Havia diferença?
- E destas que ingressaram, quantas se formaram?
- Qual era o estado civil destas alunas?
- Eram, na maioria, brasileiras?
- Com que idade ingressaram no curso?
- Aonde moravam?
- Que opção de curso escolhiam?

APRESENTAÇÃO



Visualização de dados: Explicação do que é, e apresentação dos tipos de gráficos usados.

ESCOLA SUPERIOR DE DESENHO INDUSTRIAL



Visualização de dados

O que é?

Visualização de dados é uma forma de comunicação visual onde informações ou dados abstratos que são exibidos ganham atribuições com sentido e comunicabilidade. Existem tipos diferentes de gráficos para representar informações diferentes dependendo da pergunta feita aos dados haverá gráficos com o objetivo de comparação, proporção, locais, movimento ou evolução e mais

VIZUALIZAÇÃO DE DADOS



— Tipos de Gráficos — — — —

Gráficos de Setores



Usado para representar partes de um todo, ou seja, uma esfera dividida em partes indicando aspectos que somados representam a realidade, uma proporção.

Gráficos de Barra



Tem como indicadores a quantidade em contraposição a outras categorias, estes podem comparar muitas categorias ou até poucos.

VIZUALIZAÇÃO DE DADOS



— Tipos de Gráficos — — — —

Gráficos de Linha



Este gráfico indica uma sequência ao longo do tempo, nele podemos observar transformações ao longo dos anos através das sequências numéricas. Tem como objetivo de indicar evoluções.

Gráfico de Sankey



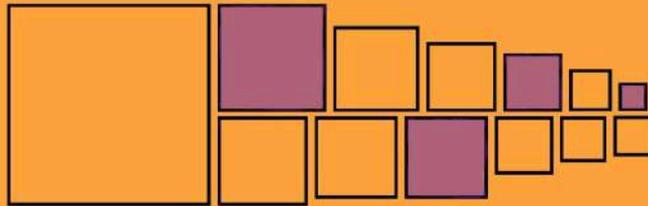
Próprio para representar mudanças de relacionamentos, processos, sistemas ou escolhas. Este tipo de gráfico tem como objetivo quantificar entradas e saídas e detalhes de um processo.

VIZUALIZAÇÃO DE DADOS



— Tipos de Gráficos — — — —

Gráfico de área



VIZUALIZAÇÃO DE DADOS

Com a finalidade de comparar, o gráfico de áreas permite a comparação de muitas categorias ou territórios.

Primeira pergunta:

Qual foi a quantidade de mulheres e homens que ingressaram na ESDI entre os anos de 1963 e 1974? Havia diferença?

1 pergunta

Comparação de homens e mulheres de cada turma de 1963 até 1974



Segundo pergunta:

**E destas que ingressaram,
quantas se formaram?**

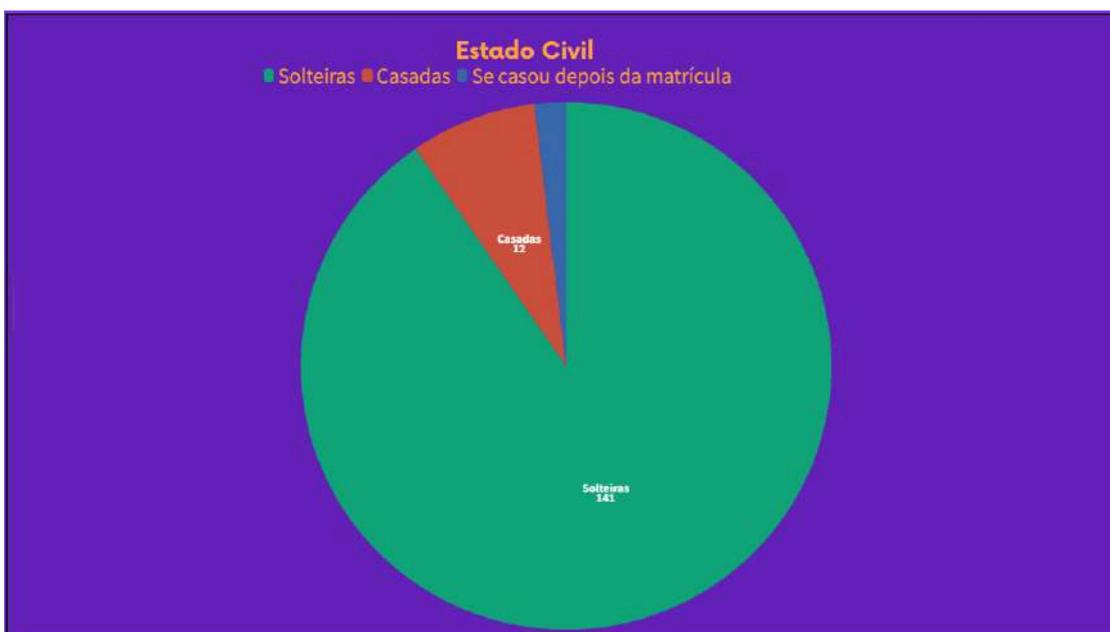
2 pergunta



Terceira pergunta:

Qual era o estado civil destas mulheres?

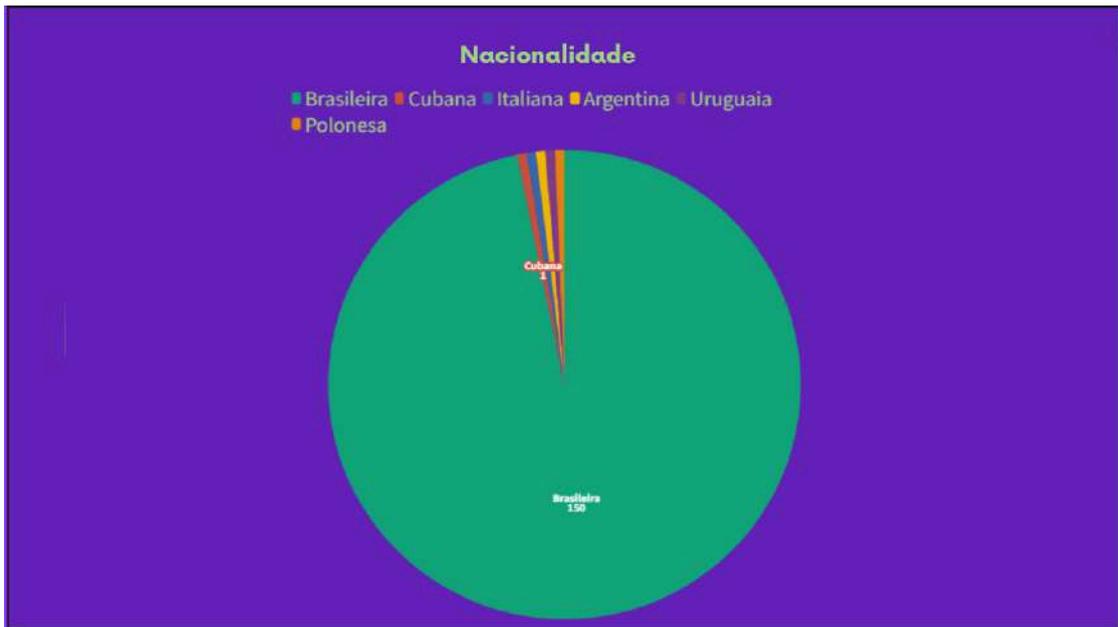
3 pergunta *



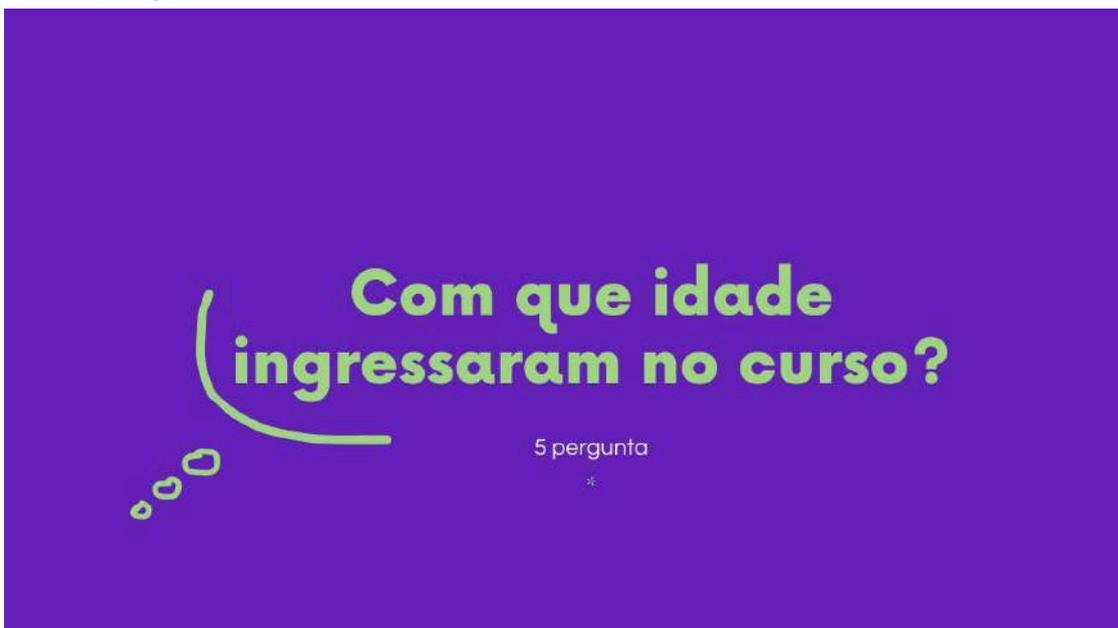
Quarta pergunta:

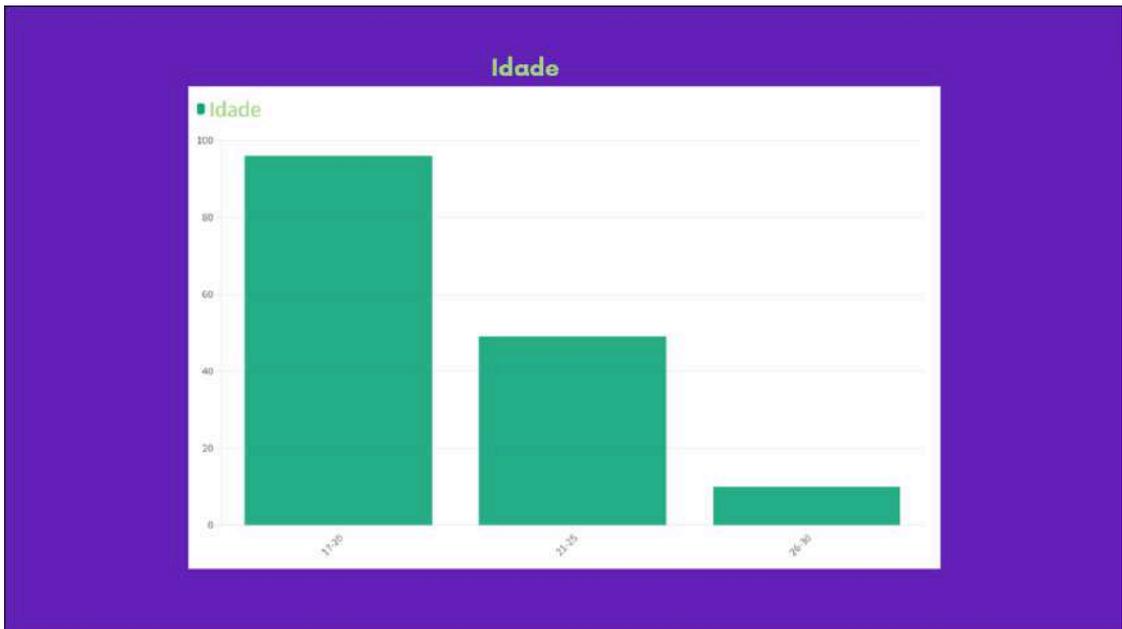
Eram, na maioria, brasileiras?

4 pergunta



Quinta pergunta:





Sexta pergunta: Divididos em dois mapas, o primeiro mapa tem como referência o município do Rio e o outro é o estado.

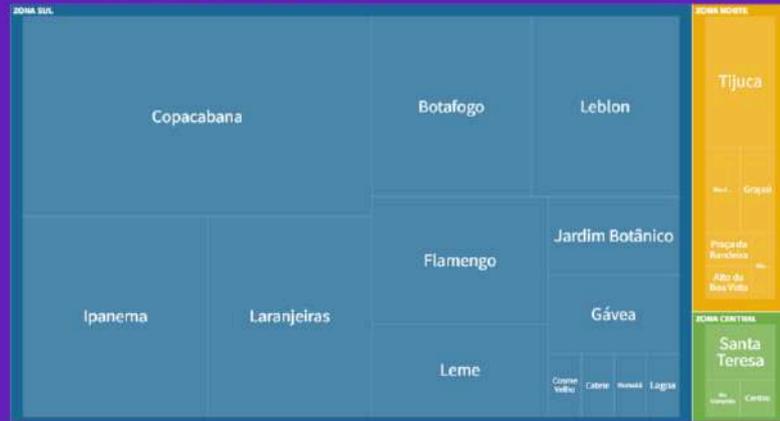
Onde moravam?

6 pergunta

A slide with a purple background. On the left, there is a white thought bubble icon consisting of three small circles leading to a larger one. To the right of the icon, the text "Onde moravam?" is written in a large, white, sans-serif font. Below this text, the words "6 pergunta" are written in a smaller, white, sans-serif font.

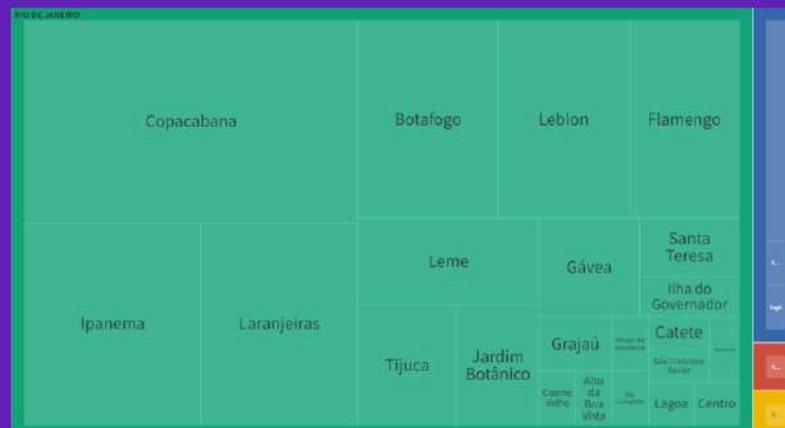
Município do Rio de Janeiro

■ Zona Sul
 ■ Zona Norte
 ■ Zona Central



Estado do Rio de Janeiro

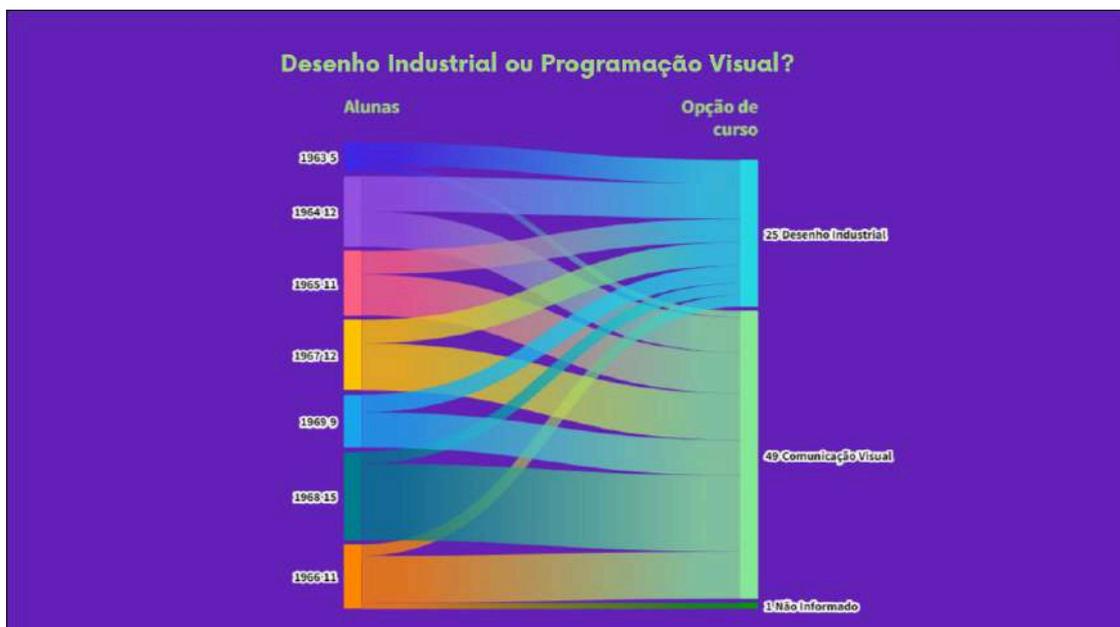
■ Rio de Janeiro
 ■ Volta Redonda
 ■ Niterói
 ■ Petrópolis



Sétima pergunta:

Que opção de curso escolhiam?

7 pergunta



Ficha técnica:



 **ESDI**

— Ficha Técnica

Projeto realizado para o Trabalho de Conclusão de Curso para a formação em Design na UERJ. O trabalho tem como objetivo discutir e debater as mulheres da ESDI entre o período de 1963 até 1974.

Aluna
Bianriz Silva de Sousa e Sousa

Orientação
Bianca Martins

Arquivo ESDI
Guilherme Altmayer
Carolina Guimarães
Gabriela de Paula Almeida
Laryssa dos Santos Reis

Contato
btrzslius@gmail.com

FICHA TÉCNICA

A apresentação, que é interativa, pode ser encontrada através do link: https://www.canva.com/design/DAF11M0H_-0/Yye9nxFc5GZy0e98-a4w5w/edit?utm_content=DAF11M0H_-0&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton

11. Considerações Finais:

Para pesquisar as alunas que estudaram na ESDI de 1963 até 1974, tive que definir um percurso de objetivos como a contextualização política deste período, entender um pouco melhor a relação das alunas nas escola de design que influenciaram a formação da ESDI diretamente ou indiretamente, para depois acessar o arquivo.

Uma vez ao acessar o arquivo, eu não sabia direito o que exatamente em quais dados coletar, por isso foi feita uma curadoria focada em questões que eu queria responder baseando-se em inquietações minhas. Com os dados coletados em uma planilha, o último passo foi produzir a visualização de dados com o flourish.

Em toda parte de contextualização foi feita uma revisão de diversas leituras para me ajudar a compor os cenários da época. Não houve maiores problemas para encontrar estas fontes, porém existiu um recorte em que acontecimentos considerar nas décadas de 60 e 70 para trazer a este trabalho. Busquei casos que traziam mais o ponto de vista das mulheres nas épocas em questão e para além disso, casos que também ajudavam a

entender o pensamento daquele tempo e o que o design influencia. Ainda dentro da revisão de literaturas sobre as mulheres nas outras escolas de design, fontes sobre as mulheres na Bauhaus eram mais vastas do que fontes sobre Ulm e Vkhutemas, sendo usados apenas um livro respectivamente para consulta de informações.

Ao fazer imersão no arquivo, foi um dos momentos mais trabalhosos da pesquisa, pois contava com trabalho braçal, coletando os dados e a análise curatorial. Tive que trabalhar com um tempo limitado dentro do acervo pois só era permitido a minha estadia ali das 8 horas da manhã até 14 horas da tarde, logo uma otimização do tempo tinha que ser construída, pois eu não tinha todos os dias da semana disponíveis para estar no acervo. Essa foi talvez a maior dificuldade da coleta de dados, o tempo.

Com os dados em mãos e as perguntas direcionadas, a produção de gráficos também não foi nada fácil, pois tinha que entender uma certa metodologia para adequar melhor aqueles dados em um gráfico apropriado. Cheguei a construir vários gráficos para apenas uma pergunta, mudando o tipo de gráfico, as cores que ia sinalizar as informações, a forma que montaria a tabela no flourish, de certa forma foi positivo todas estas questões pois me ajudou ter mais familiaridade com a ferramenta.

De forma geral, as etapas mais difíceis do projeto, foi a curadoria dos dados e construção dos gráficos. Estar diante de tantas informações me fez sentir extremamente responsável pelo o que eu iria mostrar e questionar. O medo nessas horas faz você se indagar se está fazendo tudo certo e confiar na sua metodologia de pesquisa. E por fim, o ponto forte desta pesquisa foi estudar mais sobre visualização de dados e conhecer uma área maior, do que conhecia até então.

Como lições aprendidas deste trabalho, aprendi que era para ter levado com um tom mais pessoal a pesquisa desde do anteprojeto, explicitar o porquê dos meus motivos e objetivos, mostrar quem era Biatriz e o que a perturbava, perder o medo de me expor, aprender que eu poderia falar sobre, que eu queria ser ouvida e de alguma forma tentar entender que eu poderia ter voz. É claro que ao longo do trabalho mais perguntas surgiram: *e se eu comparar quantos se formaram entre homens e mulheres? coletar mais dados sobre os homens para ter comparação para com as mulheres, como idade, estado civil, opção de curso? ou até mesmo tabelar a raça com os outros documentos disponíveis que declararam a cor, que eu não tinha percebido no começo da imersão dentro do arquivo já que nem todas tinham a certidão de nascimento anexadas nas pastas.* Não tive muito tempo para coletar todos os dados dos homens, porque os das mulheres já demandavam muito trabalho braçal e meu tempo era limitado. E por isso

neste trabalho foquei apenas no perfil das mulheres, contando através dos dados sua história. Preferi fazer isso ao invés de focar propriamente em comparação, embora tenha feito um gráfico que registra o ingresso de homens e mulheres. Há uma vontade de escrever um artigo sobre os dados e informações obtidas nesta pesquisa, com o intuito de divulgar estas informações. Tenho a intenção de escrevê-lo depois da apresentação deste trabalho.

Dito isso, também há uma vontade de continuar pesquisando estes dados focando mais na comparação que poderia trazer mais informações e quem sabe, em um possível mestrado, expandir e ir além dos anos pesquisados. Digo isso, porque acredito que este é um assunto que ainda precisa ser discutido nos dias de hoje, debatido e com mais recortes de fatores sociais a serem analisados dentro da Escola Superior de Desenho Industrial.

12. Referências

“90 anos do sufrágio feminino no Brasil: onde estavam as mulheres negras?”. Terra, https://www.terra.com.br/nos/90-anos-do-sufragio-feminino-no-brasil-onde-estavam-as-mulheres-negras,777b97aea67189614cfa07e867a17a54ijcx0u2n.html?utm_source=clipboard. Acessado em 27 de Janeiro de 2024

“Arquivos Mulheres negras Abolicionistas EUA”. Bitonga Travel, 9 de maio de 2022, <https://bitongatravel.com.br/tag/mulheres-negras-abolicionistas-eua/>. Acessado 25 de junho de 2023.

“Rede Sirius – Rede de Bibliotecas Uerj”. UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, <https://www.uerj.br/rede-sirius-rede-de-bibliotecas-uerj/>. Acessado em 16 de junho de 2023.

“Zuzu Angel: quem foi a ‘mãe da moda brasileira’, criadora do desfile-protesto”. Audaces. <https://audaces.com/pt-br/blog/zuzu-angel-e-a-moda-como-protesto>. Acessado em 3 de novembro de 2023

BUCKLEY, Cheryl. “Made in Patriarchy II: Researching (or Re-Searching) Women and Design”. 2020, vol. 36, nº 1, January 01 , p. 19–29. Massachusetts Institute of Technology.

BUCKLEY, Cheryl. "Made in Patriarchy: Toward a Feminist Analysis of Women and Design". The MIT Press, vol. : Design Issues, Vol. 3, No. 2 (Autumn, 1986), p. 3-14, p. 13.

CAMPOI, Isabela Candeloro. O livro "Direitos das mulheres e injustiça dos homens" de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. História (São Paulo), v. 30, p. 196-213, 2011.

Como 1a Guerra Mundial impulsionou direitos das mulheres". BBC News Brasil. www.bbc.com, <https://www.bbc.com/portuguese/geral-60659505>. Acessado em 6 de junho de 2023.

Conquistas do feminismo no Brasil: uma linha do tempo". Nossa Causa, 9 de março de 2020, <https://nossacausa.com/conquistas-do-feminismo-no-brasil/>. Acessado em 16 de junho de 2023

CULTURAL, Instituto Itaú. "Hochschule für Gestaltung Ulm (HfG)". Enciclopédia Itaú Cultural, <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao372976/hochschule-fur-gestaltung-ulm-hfg>. Acessado 12 de outubro de 2023.

D'ALKMIN, Sônia Maria; AMARAL, Sérgio Tibiriçá. A conquista do voto feminino no Brasil. ETIC-ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-ISSN 21-76-8498, v. 2, n. 2, 2006.

DE FÁVERI, Marlene. Desquite e divórcio: a polêmica e as repercussões na imprensa. Caderno Espaço Feminino, v. 17, n. 1, p. 339, 2008.

DE MATOS, Maria Izilda Santos. Propostas e lutas pela educação feminina: entre mães e operárias. Estudos Ibero-Americanos, v. 42, n. 1, p. 352-371, 2016.

DE MELO, Lavínya Almeida; CHAVES, Maria Carmen. Importunação sexual: o machismo antecede a violência. Caderno de Graduação-Humanas e Sociais-UNIT-PERNAMBUCO, v. 4, n. 3, p. 83-83, 2020.

DE SÁ, Gabriela R.; MAASS, Marisa Cobbe. Mulheres na História do design no Brasil.

FARIA, Rita Sepulvida de. Mulheres designers brasileiras. 2003. 66 f
Monografia apresentada à Escola Superior de Desenho Industrial para
obtenção do grau de bacharel em Desenho Industrial.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro:
uma herança ocidental. Revista fato & versões, v. 1, n. 2, p. 3-16, 2009.

GARCIA, Carla Cristina. Breve história do feminismo. Claridade, 2018.

LIMA, C; JALLAGEAS, N. Vkhutemas: desenho de uma revolução. São Paulo:
Kinoruss, 2020

LIMA, Rafael Leite Efrem de. (2017). Designers mulheres na História do
Design Gráfico: o problema da falta de representatividade profissional
feminina nos registros bibliográficos.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes; MELO, Hildete Pereira de. Os direitos
civis das mulheres casadas no Brasil entre 1916 e 1962: ou como são feitas
as leis. Revista Estudos Feministas, v. 16, p. 463-488, 2008.

MASSA, R. F., & Lorenzetto, B. M. (2019). O papel histórico do feminismo no
reconhecimento dos direitos das mulheres. Fórum.

MELO, Francisco Inacio Scaramelli Homem de; COIMBRA, Elaine Ramos.
Linha do tempo do design gráfico no Brasil. 2011.

MENUCCI, Julia Monfardini. MOVIMENTO SUFRAGISTA E A CONQUISTA DO
VOTO FEMININO NO BRASIL. In: I Congresso Nacional de Biopolítica e
Direitos Humanos. 2018.

PATEMAN, Carole. O contrato Sexual. Paz & Terra, 2008.

PEDRO, Claudia Bragança; GUEDES, Olegna de Souza. As conquistas do
movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres.
Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas, p. 1-10,
2010.

PINSKY, Carla Bassanezi. Nova história das mulheres no Brasil. Editora
Contexto, 2015.

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROSSLER, P. & OTTO, E. (2019). Bauhaus Womens: a global perspective. Londres: Herbert Press.

SANTOS, Cecília MacDowell. Curto-circuito, falta de linha ou na linha? Redes de enfrentamento à violência contra mulheres em São Paulo. Revista Estudos Feministas, v. 23, p. 577-600, 2015.

SCHNEIDER, Beat. Design – Gênero. In: SCHNEIDER, Beat. Design, uma introdução. O design no contexto social, cultural e econômico. São Paulo: Edgard Blücher, 2010 (p.249-255).

SOUZA, Pedro Luiz Pereira de. ESDI: biografia de uma ideia. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

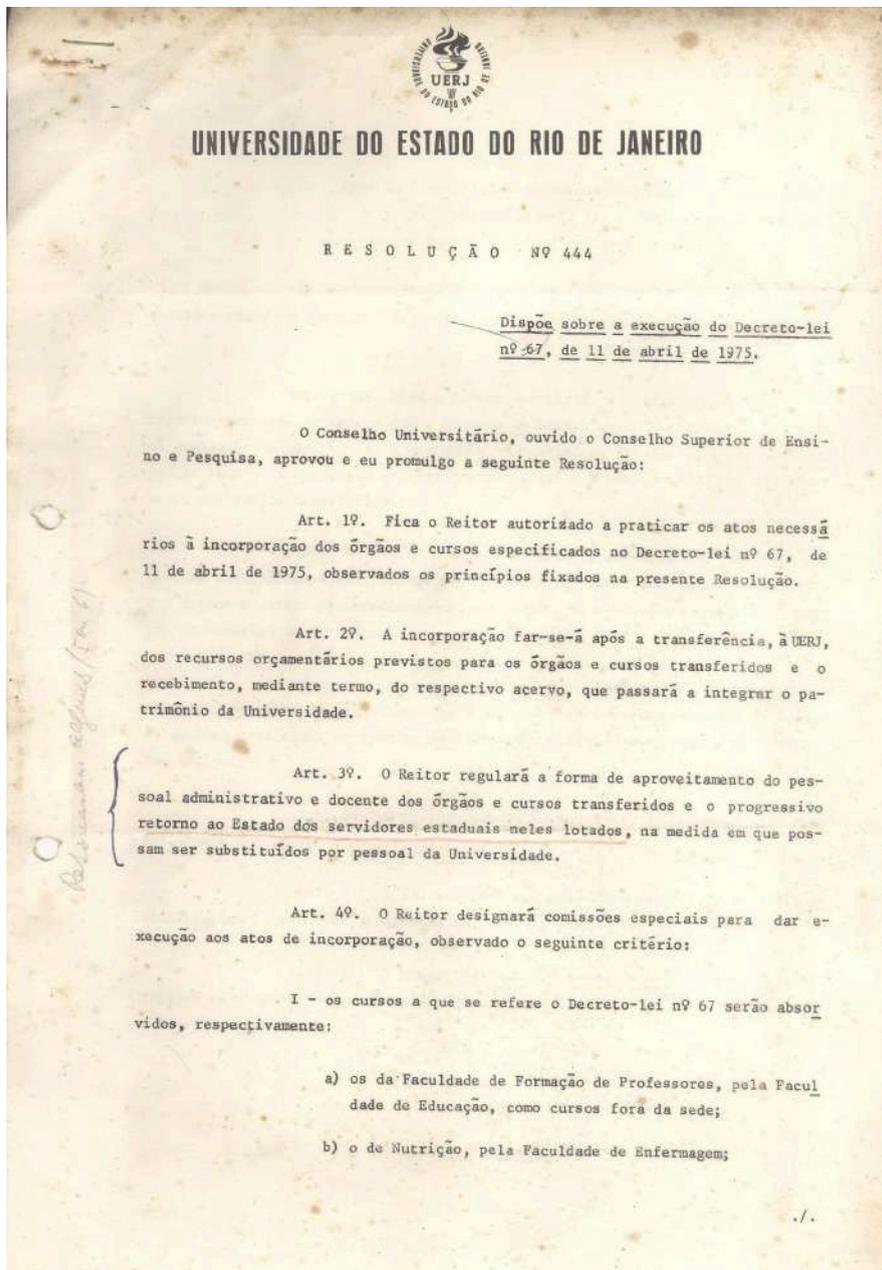
TEIXEIRA, Meyre. “VOTES FOR WOMEN”? O RACISMO COMO POLÍTICA DE EXCLUSÃO DAS MULHERES NEGRAS NA LUTA SUFRAGISTA NOS ESTADOS UNIDOS. O Cosmopolítico, v. 5, n. 2, p. 8-17, 2018.

TELES, Maria Amélia de Almeida. Breve história do feminismo no Brasil. São Paulo: editora brasiliense. 1993.

YAU, Nathan. Visualize this: the Flowing Data guide to design, visualization, and statistics. John Wiley & Sons, 2011.

13. Anexos

Figura 43: Resolução de número 444 para incorporação da Escola de Desenho Industrial a Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



c)os da Escola Superior de Desenho Industrial pela unidade a ser constituída pela fusão desse órgão com o Instituto de Desenho e Artes Aplicadas;

II - o Sub-Reitor para os Assuntos do Ensino de Graduação orientará o trabalho das comissões especiais de incorporação, previstas neste artigo.

Art. 59. Fica o Reitor autorizado a firmar convênio ou outros instrumentos jurídicos com o Governo do Estado ou do Município, ou, ainda, de quaisquer de seus órgãos e entidades no sentido da transferência ou utilização de bens ou a prestação de serviços necessários à continuidade do funcionamento dos cursos transferidos.

Art. 69. Fica o Reitor igualmente autorizado a promover as medidas necessárias à utilização, no corrente exercício, dos recursos próprios dos órgãos e cursos transferidos mediante planos de aplicação, sujeitos a anotação no Conselho de Curadores.

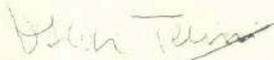
Art. 79. Ficam mantidos os atuais currículos dos cursos transferidos, devendo ser submetidos à aprovação do Conselho Superior de Ensino e Pesquisa, até o mês de janeiro de 1976, os currículos a vigorar no próximo ano letivo.

Art. 89. O Reitor baixará normas sobre o registro escolar dos alunos dos cursos transferidos.

Art. 99. A Secretaria Geral promoverá as medidas de apoio administrativo necessárias à execução da presente Resolução.

Art. 10. A presente Resolução entra em vigor nesta data, revogadas as disposições em contrário.

UERJ, em 18 de julho de 1975



Oscar Tenório

GR/rt

14. Apêndice

Abaixo disponibilizo na íntegra as tabelas que construí e me auxiliaram na construção dos gráficos desta pesquisa.

14.1 Estado Civil

Figura 44: Tabela constando o estado civil das alunas.

Nome	Estado Civil
Gilda de Castro Silveira	Solteira
Margarida Maria Vivacqua de Figueiredo	Casada
Maria Cristina Kerti Basilio	Solteira
Marilena Pereira da Silva Marques de Carvalho	Solteira
Sylvia Silva Granville	Solteira
Ana Maria Lobo de Oliveira	Solteira
Ana Luiza Escorel	Solteira
Débora Lopes	Solteira
Evangelina da Rocha Lima M.Oliveira	Solteira
Iole Antunes de Freitas	Solteira
Izabel Murinho	Solteira
Lucy Carlinda Niemeyer de Farias	Solteira
Maria Teresa Licio Marques Pontual	Solteira
Myriam Graber	Se casou depois que entrou na faculdade
Sandra Fanzeres	Solteira
Silvia Ferreira	Solteira
Sonia Ramalhete de Aguiar	Solteira
Ana Luiza Ozório de Almeida	Solteira
Carla Capello	Solteira
Helena Guimarães Costa	Solteira
Maria Regina Mathieu	Solteira
Regina Célia Souza Pereira	Solteira
Solange Castanheira Benchimol	Solteira
Susana Maria Sereno de Oliveira	Solteira
Sylvia Heller de Vasconcellos	Casada
Silvia Alves de Sousa	Solteira
Tereza Maria Neto	Solteira
Vera Lia Germano de Cerqueira	Solteira
Angela Lemos Bastos	Solteira

Ana Luisa Morales Nunes de Souza	Solteira
Gloria Maria de Brito Pereira Lobo	Solteira
Heloisa Brandão Oroscó	Solteira
Ilse Cassia Andrade de Carvalho	Casada
Lilia de Assunção Hess	Solteira
Maria Valdez S. Coelho da Paz	
Patricia de Aquino	Solteira
Solange Jansen MullerPortela da Silva	Casada
Telma Weisz	Solteira
Virginia Celia Lopes Quental	Solteira
Beatriz Mira Andreu	Solteira
Diva Maria Pires Ferreira Gonçalves de Araujo	Casada
Eduarda Duvivier	Solteira
Izabel Maria de Oliveira	Solteira
Lia Monica Rossi	Solteira
Maria del Carmen C. T. da Silva Zilio	Solteira
Maria Lucia da Gama e Abreu Valladão	Solteira
Maria Luiza Cisalpino Penna	Solteira
Rosa Maria Mello da Matta	Solteira
Roselie Tolentino Castro Rebelol	Solteira
Rosangela Henry de Jorge	Solteira
Suzana Hermes da Fonseca	Solteira
Alba Lopes Godinho	Solteira
Anita Holck Laplam	Solteira
Carmen Mancini Brown	Solteira
Claudia Glaser Dutra	Solteira
Elayne Maria Fonseca	Solteira
Gerusa Kohren	Casada
Helena Lucia Pereira	Solteira
Lúcia Maria Rodrigues Pimentel	Solteira

Luciana Buarque Goulart	Solteira	
Maria Beatriz Affalo Brandão	Aparentemente ela se casa depois de entrar na faculdade	
Maria Izabel Ferraz Rodrigues	Solteira	
Moema Sampaio Corrêa Mariani	Solteira	
Nina Esther Palatnik Ryfer	Solteira	
Silva Figueiras Steinberg	Solteira	
Vera Bungarten	Solteira	
Eliana de Lemos Formiga	Solteira	
Halina Kramarz	Solteira	
Liana D'Urso de Souza Mendes	Solteira	
Maria Carmen Coelho de M. Ribeiro	Solteira	
Marina Hochman	Solteira	
Rita Franco do Amaral Tormin	Solteira	
Susana Bartolo	Casada	
Suzana Valladares da Fonseca	Solteira	
Vera Maria Cavalcanti Bernades	Solteira	
Beatriz Maria F. da Castro	Solteira	
Bety Gutnik	Solteira	
Evelyn Grumach	Solteira	
Guisela Miethke	Solteira	
Higina Maria Junqueira Bruzzi	Solteira	
Katia Maria Souza Fraga	Solteira	
Lucia Helena Dessaune de Alencastro	Solteira	
Maria do Carmo Navarro Silva	Solteira	
Maria Helena Figueiro de Andrade	Casada	
Marianita da Veiga Sicupira	Solteira	
Silva Regina Roesler	Solteira	
Valéria Munk London	Casada	
Valeska Peres Pinto	Solteira	
Ana Lúcia de Souza Rocha	Solteira	

Ana Maria Kossatz de Berredo	Solteira	
Cláudia de Angelis Costa Braga	Solteira	
Fátima Janine Gaio	Solteira	
Gracia Maria Carvalho Silva	Solteira	
Joana Edvige Blienschowsky	Solteira	
Maria de Lourdes de Monte França	Solteira	
Maria Gertrudes M. Oswald Bernardes	Solteira	
Maria Helena de Magalhães Castro	Solteira	
Maria Inês Marx	Solteira	
Maria Luiza Ferreira	Solteira	
Maria Rita de Alencar Parreira Horta	Solteira	
Maria Rita de Barros Ferreira	Solteira	
Melita Tchaicovsky Greene	Solteira	
Nina Rosa dos Reis Rodrigues	Solteira	
Tereza Carolina Frota	Solteira	
Virginia Souza Carvalho Borges	Solteira	
Ana Beatriz de Freitas Montenegro	Solteira, se casa depois que entra na esdi em 1972 ainda	
Angela Maria Furtado de Carvalho	Solteira	
Cintia Kury Souto	Solteira	
Doris Farbiarz	Solteira	
Elena Georgina Tomás Salles	Solteira	
Elisabeth de Mattos Dias	Solteira	
Jaqueline Barros	Solteira	
Leila de Figueiredo Chaves	Solteira	
Márcia Maria de Almeida O. Sampaio	Solteira	
Marta Manhães de Mattos Strauch	Solteira	
Mirian Heizeriger	Solteira	
Maria Christina Valadares Duarte	Solteira	
Monica Campos Ramos Martha	Solteira	
Regina Lucia Sá Barreto Pimentel	Solteira	

Rossella Conti	Solteira	
Sônia Harumi Ota	Solteira	
Tereza Jacqueline Gutierrez y Sack	Solteira	
Verônica Françoise Teicher	Solteira	
Ana Elizabeth Plater Zyberck Cangupú	Solteira	
Carla Hjelstrom	solteira	
Clarisse Kremnitzer	Casada	
Joyce de Leão Castro Sholl	Solteira	
Liana Frafeld	Solteira	
Marcia Parcionik	Solteira , mas se casa em 1974	
Maria Lúcia Ayres	Solteira	
Mônica Bergenthal	Solteira	
Myriam Hachiya	Solteira	
Rose Yalouz	Solteira	
Selma Kerdanan Bloch	Solteira	
Silvia Maria Gerhardt	Solteira	
Solange Domingo Alencar Torres	Solteira	
Sônia Silva de Freitas	Solteira	
Vânia Maria Maya de Albuquerque	Solteira	
Vânia Maria Pereira Cruz	Solteira	
Angela Chveid	Solteira	
Amanda Zauli	Solteira	
Ana Tereza Teixeira de Mello	Solteira	
Beatriz Solange Pimentel	Solteira	
Cláudia Parnes	Solteira	
Cláudia Zarvos	Solteira	
Elizabeth Gelmini Dunhofer	Solteira	
Elsa Maria Braga P. de Oliveira	Solteira	
Ivone Dain	Solteira	
Margaret Elizabeth Ann Henke	Solteira	

Maria Carmen Portinho Magalhães	Solteira	
Maria Clara Rodrigues de Moares	Solteira	
Ruth Maria de M. Lifschits	Casada	
Sara Grosman	Solteira	
Selma Goldberg	Casada	
Sônia Maria Moreira	Solteira	
Solange Martins Seixas	Solteira	

14.2 Quantas se formaram

Figura 45: Tabela constando se as alunas haviam se formado ou não. Utilizei cores como azul e vermelho, uma assinalando que sim e a outra que não se formaram, para melhor visualização.

Nome	Se formou?	Se formaram	Não se Formou
Gilda de Castro Silveira	NÃO		100
Margarida Maria Vivacqua de Figueiredo	NÃO		56
Maria Cristina Kerti Basilio	SIM		
Marilena Pereira da Silva Marques de Carvalho	SIM		
Sylvia Silva Granville	SIM		
Ana Maria Lobo de Oliveira	NÃO		
Ana Luiza Escorel	SIM		
Débora Lopes	NÃO		
Evangelina da Rocha Lima M.Oliveira	SIM		
Iole Antunes de Freitas	NÃO		
Izabel Murtinho	NÃO		
Lucy Carlinda Niemeyer de Farias	SIM		
Maria Teresa Licio Marques Pontual	SIM		
Myriam Graber	SIM		
Sandra Fanzeres	SIM		
Silvia Ferreira	SIM		
Sonia Ramalheite de Aguiar	SIM		
Ana Luiza Ozório de Almeida	NÃO		
Carla Capello	NÃO		
Helena Guimarães Costa	NÃO		
Maria Regina Mathieu	NÃO		
Regina Célia Souza Pereira	NÃO		
Solange Castanheira Benchimol	NÃO		
Susana Maria Sereno de Oliveira	NÃO		
Sylvia Heller de Vasconcelos	SIM		
Silvia Alves de Sousa	NÃO		
Tereza Maria Neto	SIM		
Vera Lia Germano de Cerqueira	NÃO		
Angela Lemos Bastos	SIM		

Nome	Se formou?	Se formaram	Não se Formou
Ana Luisa Morales Nunes de Souza	SIM		
Gloria Maria de Britto Pereira Lobo	SIM		
Heloisa Brandão Orocco	NÃO		
Ilse Cassia Andrade de Carvalho	SIM		
Lilia de Assunção Hess	SIM		
Maria Valderez S. Coelho da Paz	NÃO		
Patricia de Aquino	SIM		
Solange Jansen MullerPortela da Silva	SIM		
Telma Weisz	NÃO		
Virginia Celia Lopes Quental	NÃO		
Beatriz Mira Andreu	NÃO		
Diva Maria Pires Ferreira Gonçalves de Araujo	SIM		
Eduarda Duvivier	NÃO		
Izabel Maria de Oliveira	SIM		
Lia Monica Rossi	SIM		
Maria del Carmen C.T. da Silva Zilio	SIM		
Maria Lucia da Gama e Abreu Valladão	NÃO		
Maria Luiza Cisalpino Penna	SIM		
Rosa Maria Mello da Matta	SIM		
Roselle Tolentino Castro Rebelol	SIM		
Rosângela Henry de Jorge	NÃO		
Suzana Hermes da Fonseca	NÃO		
Alba Lopes Godinho	NÃO		
Anita Holck Laplam	SIM		
Carmen Mancini Brown	SIM		
Claudia Glaser Dutra	NÃO		
Elayne Maria Fonseca	SIM		
Gerusa Kohren	NÃO		
Helena Lucia Pereira	NÃO		

Nome	Se formou?	Se formaram	Não se Formou
Lucia Maria Rodrigues Pimentel	NÃO		
Luciana Buarque Goulart	SIM		
Maria Beatriz Affalo Brandão	SIM		
Maria Izabel Ferraz Rodrigues	SIM		
Moema Sampaio Corrêa Mariani	SIM		
Nina Esther Palatnik Ryfer	SIM		
Silva Figueiras Steinberg	SIM		
Vera Bungarten	SIM		
Eliana de Lemos Formiga	SIM		
Halina Kramarz	NÃO		
Liana D'Urso de Souza Mendes	SIM		
Maria Carmen Coelho de M.Ribeiro	SIM		
Marina Hochman	SIM		
Rita Franco do Amaral Tomin	NÃO		
Susana Bartolo	SIM		
Suzana Valladares da Fonseca	SIM		
Vera Maria Cavalcanti Bernades	SIM		
Beatriz Maria F.de Castro	SIM		
Bety Gutinik	NÃO		
Evelyn Grumach	SIM		
Guisela Miethke	SIM		
Higina Maria Junqueira Bruzzi	SIM		
Katia Maria Souza Fraga	NÃO		
Lucia Helena Dessaune de Alencastro	NÃO		
Maria do Carmo Navarro Silva	NÃO		
Maria Helena Figueiro de Andrade	NÃO		
Marianita da Veiga Sicupira	SIM		
Silva Regina Roesler	NÃO		
Valéria Munk London	SIM		

Nome	Se formou?	Se formaram	Não se Formou
Valeska Peres Pinto	NÃO		
Ana Lúcia de Souza Rocha	SIM		
Ana Maria Kossatz de Berredo	NÃO		
Cláudia de Angelis Costa Braga	SIM		
Fátima Janine Galo	SIM		
Gracia Maria Carvalho Silva	SIM		
Joana Edvige Bielschowsky	SIM		
Maria de Lourdes de Monte França	NÃO		
Maria Gertrudes M. Oswald Bernardes	SIM		
Maria Helena de Magalhães Castro	NÃO		
Maria Inês Marx	NÃO		
Maria Luiza Ferreira	NÃO		
Maria Rita de Alencar Parreira Horta	SIM		
Maria Rita de Barros Ferreira	SIM		
Melita Tchaicovsky Greene	SIM		
Nina Rosa dos Reis Rodrigues	NÃO		
Tereza Carolina Prota	NÃO		
Virginia Souza Carvalho Borges	SIM		
Ana Beatriz de Freitas Montenegro	NÃO		
Angela Maria Furtado de Carvalho	SIM		
Cintia Kury Souto	SIM		
Doris Farblarz	SIM		
Elena Georgina Tomás Salles	SIM		
Elisabeth de Mattos Dias	SIM		
Jaqueline Barros	NÃO		
Leila de Figueiredo Chaves	NÃO		
Márcia Maria de Almeida O. Sampaio	SIM		
Marta Manhães de Mattos Strauch	SIM		
Mirian Heizeriger	SIM		

Nome	Se formou?	Se formaram	Não se Formou
Maria Christina Valadares Duarte	SIM		
Monica Campos Ramos Martha	SIM		
Regina Lucia Sá Barreto Pimentel	SIM		
Rossella Conti	NÃO		
Sônia Harumi Ota	SIM		
Tereza Jacqueline Gutierrez y Sack	SIM		
Verônica Françoise Teicher	SIM		
Ana Elizabeth Plater Zyberk Canguçu	SIM		
Carla Hjelmstrom	SIM		
Clarisse Kremnitzzer	SIM		
Joyce de Leão Castro Sholl	SIM		
Liana Fraifeld	NÃO		
Marcia Parcionik	SIM		
Maria Lúcia Ayres	SIM		
Mônica Bergenthal	NÃO		
Myriam Hachiya	SIM		
Rose Yallouz	SIM		
Selma Kerdanan Bloch	NÃO		
Silvia Maria Gerhardt	SIM		
Solange Domingo Alencar Torres	NÃO		
Sônia Silva de Freitas	NÃO		
Vânia Maria Maya de Albuquerque	NÃO		
Vânia Maria Pereira Cruz	SIM		
Angela Chveid	SIM		
Amanda Zauli	SIM		
Ana Tereza Teixeira de Mello	SIM		
Beatriz Solange Pimentel	SIM		
Cláudia Parnes	SIM		
Cláudia Zarvos	SIM		

Nome	Se formou?	Se formaram	Não se Formou
Elizabeth Gelmini Dunhofer	SIM		
Eisa Maria Braga P. de Oliveira	SIM		
Ivone Dain	SIM		
Margaret Elizabeth Ann Henke	SIM		
Maria Carmen Portinho Magalhães	SIM		
Maria Clara Rodrigues de Moares	SIM		
Ruth Maria de M. Lifschits	SIM		
Sara Grosman	SIM		
Selma Goldberg	NÃO		
Sônia Maria Moreira	SIM		
Solange Martins Seixas	SIM		

14.3 Idade

Figura 46: Tabela constando a idade de todas as alunas analisadas.

Nome	Idade
Gilda de Castro Silveira	27 anos
Margarida Maria Vivacqua de Figueiredo	26 anos
Maria Cristina Kerti Basilio	19 anos
Marilyna Pereira da Silva Marques de Carvalho	20 anos
Sylvia Silva Granville	22 anos
Ana Maria Lobo de Oliveira	21 anos
Ana Luiza Escorel	20 anos
Débora Lopes	22 anos
Evangelina da Rocha Lima M.Oliveira	21 anos
Iole Antunes de Freitas	19 anos
Izabel Murinho	20 anos
Lucy Carlinda Niemeyer de Farias	19 anos
Maria Teresa Licio Marques Pontual	20 anos
Myriam Graber	26 anos
Sandra Fanzeres	20 anos
Silvia Ferreira	20 anos
Sonia Ramalhete de Aguiar	19 anos
Ana Luiza Ozório de Almeida	21 anos
Carla Capello	22 anos
Helena Guimarães Costa	25 anos
Maria Regina Mathieu	20 anos
Regina Célia Souza Pereira	19 anos
Solange Castanheira Benchimol	22 anos
Susana Maria Sereno de Oliveira	26 anos
Sylvia Heller de Vasconcellos	22 anos
Silvia Alves de Sousa	30 anos
Tereza Maria Neto	21 anos
Vera Lia Germano de Cerqueira	20 anos
Angela Lemos Bastos	18 anos

Ana Luisa Morales Nunes de Souza	20 anos
Gloria Maria de Britto Pereira Lobo	21 anos
Heloisa Brandão Orosco	21 anos
Ilse Cassia Andrade de Carvalho	27 anos
Lilia de Assunção Hess	20 anos
Maria Valdez S. Coelho da Paz	
Patrícia de Aquino	20 anos
Solange Jansen MullerPortela da Silva	28 anos
Telma Weisz	22 anos
Virginia Celia Lopes Quental	20 anos
Beatriz Mira Andreu	18 anos
Diva Maria Pires Ferreira Gonçalves de Araujo	30 anos
Eduarda Duvivier	21 anos
Izabel Maria de Oliveira	18 anos
Lia Monica Rossi	22 anos
Maria del Carmen C.T. da Silva Zilio	22 anos
Maria Lucia da Gama e Abreu Valladão	20 anos
Maria Luiza Cisalpino Penna	19 anos
Rosa Maria Mello da Matta	23 anos
Roselie Tolentino Castro Rebelo	19 anos
Rosângela Henry de Jorge	20 anos
Suzana Hermes da Fonseca	21 anos
Alba Lopes Godinho	24 anos
Anita Holck Laplam	18 anos
Carmen Mancini Brown	22 anos
Claudia Glaser Dutra	19 anos
Elayne Maria Fonseca	20 anos
Gerusa Kohren	24 anos
Helena Lucia Pereira	19 anos
Lucia Maria Rodrigues Pimentel	20 anos

Luciana Buarque Goulart	22 anos
Maria Beatriz Affalo Brandão	23 anos
Maria Izabel Ferraz Rodrigues	20 anos
Moema Sampaio Corrêa Mariani	21 anos
Nina Esther Palatnik Ryfer	19 anos
Silva Filgueiras Steinberg	23 anos
Vera Bungarten	19 anos
Eliana de Lemos Formiga	20 anos
Halina Kramarz	20 anos
Liana D'Urso de Souza Mendes	25 anos
Maria Carmen Coelho de M.Ribeiro	20 anos
Marina Hochman	21 anos
Rita Franco do Amaral Tormin	25 anos
Susana Bartolo	20 anos
Suzana Valladares da Fonseca	18 anos
Vera Maria Cavalcanti Bernades	20 anos
Beatriz Maria F.de Castro	21 anos
Bety Gutnik	20 anos
Evelyn Grumach	19 anos
Guisela Miethke	20 anos
Higina Maria Junqueira Bruzzi	19 anos
Katia Maria Souza Fraga	20 anos
Lucia Helena Dessaune de Alencastro	19 anos
Maria do Carmo Navarro Silva	19 anos
Maria Helena Figueiro de Andrade	24 anos
Marianita da Veiga Sicupira	20 anos
Silva Regina Roesler	21 anos
Valéria Munk London	19 anos
Valeska Peres Pinto	20 anos
Ana Lúcia de Souza Rocha	22 anos

Ana Maria Kossatz de Berredo	18 anos
Cláudia de Angelis Costa Braga	21 anos
Fátima Janine Gaio	20 anos
Gracia Maria Carvalho Silva	21 anos
Joana Edvige Blienschowsky	21 anos
Maria de Lourdes de Monte França	20 anos
Maria Gertrudes M. Oswald Bernardes	20 anos
Maria Helena de Magalhães Castro	20 anos
Maria Inês Marx	23 anos
Maria Luiza Ferreira	21 anos
Maria Rita de Alencar Parreira Horta	22 anos
Maria Rita de Barros Ferreira	18 anos
Melita Tchaicovsky Greene	20 anos
Nina Rosa dos Reis Rodrigues	21 anos
Tereza Carolina Frota	20 anos
Virginia Souza Carvalho Borges	19 anos
Ana Beatriz de Freitas Montenegro	19 anos
Angela Maria Furtado de Carvalho	20 anos
Cintia Kury Souto	19 anos
Doris Farbiarz	19 anos
Elena Georgina Tomás Salles	20 anos
Elisabeth de Mattos Dias	20 anos
Jaqueline Barros	22 anos
Leila de Figueiredo Chaves	21 anos
Márcia Maria de Almeida O. Sampaio	19 anos
Marta Manhães de Mattos Strauch	19 anos
Mirian Heizeriger	18 anos
Maria Chistina Valadares Duarte	21 anos
Monica Campos Ramos Martha	19 anos
Regina Lucia Sá Barreto Pimentel	19 anos

Rossella Conti	19 anos
Sônia Harumi Ota	19 anos
Tereza Jacqueline Gutierrez y Sack	20 anos
Verônica Françoise Teicher	18 anos
Ana Elizabeth Plater Zyberck Canguçu	21 anos
Carla Hjelmstrom	22 anos
Clarisse Kremnitzer	26 anos
Joyce de Leão Castro Sholl	19 anos
Liana Fraifeld	18 anos
Marcia Parclonik	19 anos
Maria Lúcia Ayres	20 anos
Mônica Bergenthal	19 anos
Myriam Hachiya	20 anos
Rose Yallouz	21 anos
Selma Kerdanan Bloch	18 anos
Silvia Maria Gerhardt	20 anos
Solange Domingo Alencar Torres	19 anos
Sônia Silva de Freitas	23 anos
Vânia Maria Maya de Albuquerque	24 anos
Vânia Maria Pereira Cruz	20 anos
Angela Chveid	19 anos
Amanda Zauli	19 anos
Ana Tereza Teixeira de Mello	18 anos
Beatriz Solange Pimentel	19 anos
Cláudia Parnes	19 anos
Cláudia Zarvos	19 anos
Elizabeth Gelmini Dunhofer	19 anos
Elsa Maria Braga P. de Oliveira	19 anos
Ivone Dain	19 anos
Margaret Elizabeth Ann Henke	19 anos

Maria Carmen Portinho Magalhães	19 anos
Maria Clara Rodrigues de Moares	20 anos
Ruth Maria de M. Lifschits	30 anos
Sara Grosman	20 anos
Selma Goldberg	23 anos
Sônia Maria Moreira	19 anos
Solange Martins Seixas	22 anos

14.4 Ingresso de homens e mulheres

Figura 47: Tabela com o número de homens e mulheres que ingressaram na ESDI entre 1963 a 1974.

	Mulheres	Homens	Total
1963	5	25	30
1964	12	18	30
1965	11	19	30
1966	11	19	30
1967	12	20	32
1968	15	16	31
1969	9	24	33
1970	13	17	30
1971	17	13	30
1972	18	14	30
1973	16	14	30
1974	17	16	33
	156	215	369

14.5 Nacionalidade

Figura 48: Tabela de nacionalidade das alunas analisadas.

Ano	Nome	Nacionalidade
1963	Gilda de Castro Silveira	Brasileira
1963	Margarida Maria Vivacqua de Figueiredo	Brasileira
1963	Maria Cristina Kerti Basilio	Brasileira
1963	Márlena Pereira da Silva Marques de Carvalho	Brasileira
1963	Sylvia Silva Granville	Brasileira
1964	Ana Maria Lobo de Oliveira	Brasileira
1964	Ana Luiza Escorel	Brasileira
1964	Débora Lopes	Brasileira
1964	Evangelina da Rocha Lima M.Oliveira	Brasileira
1964	Iole Antunes de Freitas	Brasileira
1964	Izabel Murinho	Brasileira
1964	Lucy Carlinda Niemeyer de Farias	Brasileira
1964	Maria Teresa Licio Marques Pontual	Brasileira
1964	Myriam Graber	Brasileira
1964	Sandra Fanzeres	Brasileira
1964	Silvia Ferreira	Brasileira
1964	Sonia Ramallete de Aguiar	Brasileira
1965	Ana Luiza Ozório de Almeida	Brasileira
1965	Carla Capello	Brasileira
1965	Helena Guimarães Costa	Brasileira
1965	Maria Regina Mathieu	Brasileira
1965	Regina Célia Souza Pereira	Brasileira
1965	Solange Castanheira Benchimol	Brasileira
1965	Susana Maria Sereno de Oliveira	Brasileira
1965	Sylvia Heller de Vasconcelos	Brasileira
1965	Silvia Alves de Sousa	Brasileira
1965	Tereza Maria Neto	Brasileira
1965	Vera Lia Germano de Cerqueira	Brasileira
1966	Angela Lemos Bastos	Brasileira

Ano	Nome	Nacionalidade
1966	Ana Luisa Morales Nunes de Souza	Uruguia
1966	Gloria Maria de Brito Pereira Lobo	Brasileira
1966	Helois Brandão Orosco	Brasileira
1966	Ise Cassia Andrade de Carvalho	Brasileira
1966	Lilia de Assunção Hess	Brasileira
1966	Maria Valdez S. Coelho da Paz	
1966	Patricia de Aquino	Brasileira
1966	Solange Jansen MullerPortela da Silva	Brasileira
1966	Telma Welsz	Brasileira
1966	Virginia Celia Lopes Quental	Brasileira
1967	Beatriz Mira Andreu	Brasileira
1967	Diva Maria Pires Ferreira Gonçalves de Araújo	Brasileira
1967	Eduarda Duvivier	Brasileira
1967	Izabel Maria de Oliveira	Brasileira
1967	Lia Monica Rossi	Brasileira
1967	Maria del Carmen C.T. da Silva Zilio	Argentina
1967	Maria Lucia da Gama e Abreu Valladão	Brasileira
1967	Maria Luiza Cisalpino Penna	Brasileira
1967	Rosa Maria Mello da Matta	Brasileira
1967	Roselle Tolentino Castro Rebelo	Brasileira
1967	Rosangela Henry de Jorge	Brasileira
1967	Suzana Hermes da Fonseca	Brasileira
1968	Alba Lopes Godinho	Brasileira
1968	Anita Holck Laplam	Brasileira
1968	Carmen Mancini Brown	Brasileira
1968	Claudia Glaser Dutra	Brasileira
1968	Elayne Maria Fonseca	Brasileira
1968	Genusa Kohren	Brasileira
1968	Helena Lucia Pereira	Brasileira

Ano	Nome	Nacionalidade
1968	Lucia Maria Rodrigues Pimentel	Brasileira
1968	Luciana Buarque Goulart	Brasileira
1968	Maria Beatriz Affialo Brandão	Brasileira
1968	Maria Izabel Ferraz Rodrigues	Brasileira
1968	Moema Sampaio Corrêa Mariani	Brasileira
1968	Nina Esther Palatnik Ryfer	Brasileira
1968	Silva Filgueiras Steinberg	Brasileira
1968	Vera Bungarten	Brasileira
1969	Elana de Lemos Formiga	Brasileira
1969	Halina Kramarz	Polonesa
1969	Liana D'Urso de Souza Mendes	Brasileira
1969	Maria Carmen Coelho de M. Ribeiro	Brasileira
1969	Marina Hochman	Brasileira
1969	Rita Franco do Amaral Tormin	Brasileira
1969	Susana Bartolo	Brasileira
1969	Suzana Valladares da Fonseca	Brasileira
1969	Vera Maria Cavalcanti Bemades	Brasileira
1970	Beatriz Maria F. de Castro	Brasileira
1970	Bety Gutinik	Brasileira
1970	Evelyn Grumach	Brasileira
1970	Guisela Miethke	Brasileira
1970	Higina Maria Junqueira Bruzzi	Brasileira
1970	Katia Maria Souza Fraga	Brasileira
1970	Lucia Helena Dessaune de Alencastro	Brasileira
1970	Maria do Carmo Navarro Silva	Brasileira
1970	Maria Helena Figueiro de Andrade	Brasileira
1970	Marianita da Veiga Sicupira	Brasileira
1970	Silva Regina Roesler	Brasileira
1970	Valéria Munk London	Brasileira

Ano	Nome	Nacionalidade
1970	Valeska Peres Pinto	Brasileira
1971	Ana Lúcia de Souza Rocha	Brasileira
1971	Ana Maria Kossatz de Berredo	Brasileira
1971	Cláudia de Angelis Costa Braga	Brasileira
1971	Fátima Janine Gaio	Brasileira
1971	Gracia Maria Carvalho Silva	Brasileira
1971	Joana Edvige Bielschowsky	Brasileira
1971	Maria de Lourdes de Monte França	Brasileira
1971	Maria Gertrudes M. Oswald Bernardes	Brasileira
1971	Maria Helena de Magalhães Castro	Brasileira
1971	Maria Inês Marx	Brasileira
1971	Maria Luiza Ferreira	Brasileira
1971	Maria Rita de Alencar Parreira Horta	Brasileira
1971	Maria Rita de Barros Ferreira	Brasileira
1971	Melita Tchaicovsky Greene	Brasileira
1971	Nina Rosa dos Reis Rodrigues	Brasileira
1971	Tereza Carolina Frota	Brasileira
1971	Virginia Souza Carvalho Borges	Brasileira
1972	Ana Beatriz de Freitas Montenegro	Brasileira
1972	Angela Maria Furtado de Carvalho	Brasileira
1972	Cintia Kury Souto	Brasileira
1972	Doris Farblarz	Brasileira
1972	Elena Georgina Tomás Salles	Brasileira
1972	Elisabeth de Mattos Dias	Brasileira
1972	Jaqueline Barros	Brasileira
1972	Leila de Figueiredo Chaves	Brasileira
1972	Márcia Maria de Almeida O. Sampaio	Brasileira
1972	Marta Manhães de Mattos Strauch	Brasileira
1972	Mirian Heizeriger	Brasileira

Ano	Nome	Nacionalidade
1972	Maria Chistina Valadares Duarte	Brasileira
1972	Monica Campos Ramos Martha	Brasileira
1972	Regina Lucia Sá Barreto Pimentel	Brasileira
1972	Rossella Conti	Italiana
1972	Sônia Harumi Ota	Brasileira
1972	Tereza Jacqueline Gutierrez y Sack	Cubana
1972	Verônica Françoise Teicher	Brasileira
1973	Ana Elizabeth Plater Zyberck Cangupú	Brasileira
1973	Carla Hjelmstrom	Brasileira
1973	Clarisse Kremnitzer	Brasileira
1973	Joyce de Leão Castro Sholl	Brasileira
1973	Liana Fraifeld	Brasileira
1973	Marcia Parclonik	Brasileira
1973	Maria Lúcia Ayres	Brasileira
1973	Mônica Bergenthal	Brasileira
1973	Myriam Hachiya	Brasileira
1973	Rose Yallouz	Brasileira
1973	Selma Kerdanan Bloch	Brasileira
1973	Silvia Maria Gerhardt	Brasileira
1973	Solange Domingo Alencar Torres	Brasileira
1973	Sônia Silva de Freitas	Brasileira
1973	Vânia Maria Maya de Albuquerque	Brasileira
1973	Vânia Maria Pereira Cruz	Brasileira
1974	Angela Chveid	Brasileira
1974	Amanda Zaull	Brasileira
1974	Ana Tereza Teixeira de Mello	Brasileira
1974	Beatriz Solange Pimentel	Brasileira
1974	Cláudia Parnes	Brasileira
1974	Cláudia Zarvos	Brasileira

Ano	Nome	Nacionalidade
1974	Elizabeth Gelmini Dunhofer	Brasileira
1974	Elsa Maria Braga P. de Oliveira	Brasileira
1974	Ivone Dain	Brasileira
1974	Margaret Elizabeth Ann Henke	Brasileira
1974	Maria Carmen Portinho Magalhães	Brasileira
1974	Maria Clara Rodrigues de Moares	Brasileira
1974	Ruth Maria de M. Lifschits	Brasileira
1974	Sara Grosman	Brasileira
1974	Selma Goldberg	Brasileira
1974	Sônia Maria Moreira	Brasileira
1974	Solange Martins Seixas	Brasileira

14.6 Lugar onde mora

Figura 49: Tabela com os bairros do município do Rio de Janeiro e outros dentro do estado.

Ano	Nome	Bairro onde mora			
1963	Gilda de Castro Silveira	Copacabana			
1963	Margarida Maria Vivacqua de Figueiredo	Jardim Botânico			
1963	Maria Cristina Kerti Basilio	Jardim Botânico			
1963	Marilena Pereira da Silva Marques de Carvalho	Botafogo			
1963	Sylvia Silva Granville	Jardim Botânico			
1964	Ana Maria Lobo de Oliveira	Copacabana			
1964	Ana Luiza Escorel	Copacabana			
1964	Débora Lopes	Copacabana			
1964	Evangelina da Rocha Lima M.Oliveira	Flamengo			
1964	Iole Antunes de Freitas	Ipanema			
1964	Izabel Murtinho	Copacabana			
1964	Lucy Carlinda Niemeyer de Farias	Copacabana			
1964	Maria Teresa Licio Marques Pontual	Leblon			
1964	Myriam Graber	Leme			
1964	Sandra Fanzeres	Copacabana			
1964	Silvia Ferreira	Copacabana			
1964	Sonia Ramalhete de Aguiar	Flamengo			
1965	Ana Luiza Ozório de Almeida	Botafogo			
1965	Carla Capello	Gavea			
1965	Helena Guimarães Costa	Leblon			
1965	Maria Regina Mathieu	Copacabana			
1965	Regina Célia Souza Pereira	Praça da Bandeira			
1965	Solange Castanheira Benchimol	Copacabana			
1965	Susana Maria Sereno de Oliveira	Ipanema			
1965	Sylvia Heller de Vasconcellos	Laranjeiras			
1965	Silvia Alves de Sousa	Leblon			
1965	Tereza Maria Neto	Leblon			
1965	Vera Lia Germano de Cerqueira	Laranjeiras			
1966	Angela Lemos Bastos	Ipanema			

1966	Ana Luisa Moraes Nunes de Souza	Cosme Velho			
1966	Gloria Maria de Britto Pereira Lobo	Ipanema			
1966	Heloisa Brandão Orocco	Tijuca			
1966	Ise Cassia Andrade de Carvalho	Copacabana			
1966	Lilia de Assunção Hess	Alto da Boa Vista			
1966	Maria Valderéz S. Coelho da Paz				
1966	Patricia de Aquino	Leblon			
1966	Solange Jansen MullerPortela da Silva	Ipanema			
1966	Telma Weisz	Copacabana			
1966	Virginia Celia Lopes Quental	Copacabana			
1967	Beatriz Mira Andreu	Copacabana			
1967	Diva Maria Pires Ferreira Gonçalves de Araujo	Flamengo			
1967	Eduarda Duvivier	Laranjeiras			
1967	Izabel Maria de Oliveira	Volta Redonda	Bairro: Via Santa Cecília - Volta Redonda		
1967	Lia Monica Rossi	Niteroi	Bairro: São Francisco - Niteroi		
1967	Maria del Carmen C.T. da Silva Zilio	Ipanema			
1967	Maria Lucia da Gama e Abreu Valladão	Laranjeiras			
1967	Maria Luiza Cisalpino Penna	Copacabana			
1967	Rosa Maria Mello da Matta	Rio Comprido			
1967	Roselie Tolentino Castro Rebelo	Copacabana			
1967	Rosângela Henry de Jorge	Petropolis	Bairro: Quarteirão Ingelheim - Petrópolis		
1967	Suzana Hermes da Fonseca	Tijuca			
1968	Alba Lopes Godinho	Laranjeiras			
1968	Anita Holck Laplam	Leblon			
1968	Carmen Mancini Brown	Copacabana			
1968	Claudia Glaser Dutra	Ipanema			
1968	Elayne Maria Fonseca	Laranjeiras			
1968	Gerusa Kohren	Catete			
1968	Helena Lucia Pereira	Ipanema			
1968	Lucia Maria Rodrigues Pimentel	Laranjeiras			

1968	Luciana Buarque Goulart	Botafogo		
1968	Maria Beatriz Affalo Brandão	Copacabana		
1968	Maria Izabel Ferraz Rodrigues	Ipanema		
1968	Moema Sampaio Corrêa Mariani	Jardim Botânico		
1968	Nina Esther Palatnik Ryfer	Flamengo		
1968	Silva Filgueiras Steinberg	Gavea		
1968	Vera Bungarten	Santa Teresa		
1969	Eliana de Lemos Formiga	Flamengo		
1969	Halina Kramarz	Niteroi	Bairro: Icaraí - Niteroi	
1969	Liana D'Urso de Souza Mendes	Copacabana		
1969	Maria Carmen Coelho de M.Ribeiro	Flamengo		
1969	Marina Hochman	Niteroi	Bairro: Icaraí - Niteroi	
1969	Rita Franco do Amaral Tormin	Copacabana		
1969	Susana Bartolo	Copacabana		
1969	Suzana Valladares da Fonseca	Leblon		
1969	Vera Maria Cavalcanti Bernades	Laranjeiras		
1970	Beatriz Maria F.de Castro	Leme		
1970	Bety Gutinik	Copacabana		
1970	Evelyn Grumach	Ipanema		
1970	Guisela Miehke	Santa Tereza		
1970	Higina Maria Junqueira Bruzzi	Botafogo		
1970	Katia Maria Souza Fraga	Ipanema		
1970	Lucia Helena Dessaune de Alencastro	Leme		
1970	Maria do Carmo Navarro Silva	São Francisco Xavier		
1970	Maria Helena Figueiro de Andrade	Humaita		
1970	Marianita da Veiga Sicupira	Jardim Botânico		
1970	Silva Regina Roesler	Copacabana		
1970	Valéria Munk London	Botafogo		
1970	Valeska Peres Pinto	Ipanema		
1971	Ana Lúcia de Souza Rocha	Botafogo		

1971	Ana Maria Kossatz de Berredo	Ipanema		
1971	Cláudia de Angelis Costa Braga	Flamengo		
1971	Fátima Janine Gaio	Laranjeiras		
1971	Gracia Maria Carvalho Silva	Copacabana		
1971	Joana Edvige Bielschowsky	Leblon		
1971	Maria de Lourdes de Monte França	Laranjeiras		
1971	Maria Gertrudes M. Oswald Bernardes	Ipanema		
1971	Maria Helena de Magalhães Castro	Lagoa		
1971	Maria Inês Marx	Copacabana		
1971	Maria Luiza Ferreira	Gavea		
1971	Maria Rita de Alencar Parreira Horta	Botafogo		
1971	Maria Rita de Barros Ferreira	Centro		
1971	Melita Tchaicovsky Greene	Laranjeiras		
1971	Nina Rosa dos Reis Rodrigues	Botafogo		
1971	Tereza Carolina Frota	Leme		
1971	Virginia Souza Carvalho Borges	Tijuca		
1972	Ana Beatriz de Freitas Montenegro	Botafogo		
1972	Angela Maria Furtado de Carvalho	Ipanema		
1972	Cintia Kury Souto	Copacabana		
1972	Doris Farblarz	Leblon		
1972	Elena Georgina Tomás Salles	Ilha do Governador		
1972	Elisabeth de Mattos Dias	Leblon		
1972	Jaqueline Barros	Santa Tereza		
1972	Leila de Figueiredo Chaves	Ipanema		
1972	Márcia Maria de Almeida O. Sampaio	Laranjeiras		
1972	Marta Manhães de Mattos Strauch	Tijuca		
1972	Mirian Heizeriger	Botafogo		
1972	Maria Chistina Valadares Duarte	Flamengo		
1972	Monica Campos Ramos Martha	Botafogo		
1972	Regina Lucia Sá Barreto Pimentel	Laranjeiras		

1972	Rossella Conti	Botafogo		
1972	Sônia Harumi Ota	Niteroi	Bairro: Icarai - Niteroi	
1972	Tereza Jacqueline Gutierrez y Sack	Leme		
1972	Verônica Françoise Teicher	Ilha do Governador		
1973	Ana Elizabeth Plater Zyberck Canguçu	Ipanema		
1973	Carla Hjelmstrom	Tijuca		
1973	Clarisse Kremnitzner	Flamengo		
1973	Joyce de Leão Castro Sholl	Leblon		
1973	Liana Fraifeld	Copacabana		
1973	Marcia Parclonik	Leme		
1973	Maria Lúcia Ayres	Tijuca		
1973	Mônica Bergenthal	Laranjeiras		
1973	Myriam Hachiya	Copacabana		
1973	Rose Yallouz	Copacabana		
1973	Selma Kerdanan Bloch	Flamengo		
1973	Silvia Maria Gerhardt	Copacabana		
1973	Solange Domingo Alencar Torres	Ipanema		
1973	Sônia Silva de Freitas	Flamengo		
1973	Vânia Maria Maya de Albuquerque	Grajau		
1973	Vânia Maria Pereira Cruz	Leblon		
1974	Angela Chveid	Leblon		
1974	Amanda Zaufi	Niteroi	Bairro: Icarai - Niteroi	
1974	Ana Tereza Teixeira de Mello	Botafogo		
1974	Beatriz Solange Pimentel	Niteroi	Bairro: Ingá - Niteroi	
1974	Cláudia Parnes	Copacabana		
1974	Cláudia Zarvos	Laranjeiras		
1974	Elizabeth Gelmini Dunhofer	Gavea		
1974	Elsa Maria Braga P. de Oliveira	Niteroi	Bairro: Icarai - Niteroi	
1974	Ivone Dain	Leme		
1974	Margaret Elizabeth Ann Henke	Gávea		

1974	Maria Carmen Portinho Magalhães	Leme		
1974	Maria Clara Rodrigues de Moares	Laranjeiras		
1974	Ruth Maria de M. Lifschits	Botafogo		
1974	Sara Grosman	Copacabana		
1974	Selma Goldberg	Copacabana		
1974	Sônia Maria Moreira	Grajaú		
1974	Solange Martins Seixas	Copacabana		

14.7 Opção de Curso

Figura 50: Tabela de 1963 até 1969 com a escolha de cada aluna entre desenho industrial ou comunicação visual.

Ano	Nome	Curso a Seguir
1963	Gilda de Castro Silveira	opção de curso: desenho industrial
1963	Margarida Maria Vivacqua de Figueiredo	opção de curso: desenho industrial
1963	Maria Cristina Kerti Basilio	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1963	Marilena Pereira da Silva Marques de Carvalho	opção de curso: desenho industrial
1963	Sylvia Silva Granville	opção de curso: desenho industrial
1964	Ana Maria Lobo de Oliveira	opção de curso: desenho industrial
1964	Ana Luiza Escorel	opção de curso: desenho industrial
1964	Débora Lopes	opção de curso: desenho industrial
1964	Evangelina da Rocha Lima M.Oliveira	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1964	Iole Antunes de Freitas	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1964	Izabel Murinho	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1964	Lucy Carlinda Niemeyer de Farias	opção de curso: desenho industrial
1964	Maria Teresa Licio Marques Pontual	opção de curso: desenho industrial
1964	Myriam Graber	opção de curso: desenho industrial
1964	Sandra Fanzeres	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1964	Silvia Ferreira	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1964	Sonia Ramalhete de Aguiar	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1965	Ana Luiza Ozório de Almeida	opção de curso: desenho industrial
1965	Carla Capello	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1965	Helena Guimarães Costa	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1965	Maria Regina Mathieu	opção de curso: desenho industrial
1965	Regina Célia Souza Pereira	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1965	Solange Castanheira Benchimol	opção de curso: desenho industrial
1965	Susana Maria Sereno de Oliveira	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1965	Sylvia Heller de Vasconcellos	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1965	Silvia Alves de Sousa	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1965	Tereza Maria Neto	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1965	Vera Lia Germano de Cerqueira	opção de curso: desenho industrial
1966	Angela Lemos Bastos	opção de curso: desenho industrial
1966	Ana Luisa Morales Nunes de Souza	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1966	Gloria Maria de Britto Pereira Lobo	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1966	Heloisa Brandão Orosco	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1966	Ilse Cassia Andrade de Carvalho	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1966	Lilia de Assunção Hess	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual

Ano	Nome	Curso a Seguir
1966	Lilia de Assunção Hess	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1966	Maria Valderez S. Coelho da Paz	SEM FORMULARIO DE INSCRIÇÃO
1966	Patricia de Aquino	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1966	Solange Jansen MullerPortela da Silva	opção de curso: desenho industrial
1966	Telma Weisz	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1966	Virgínia Célia Lopes Quental	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1967	Beatriz Mira Andreu	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1967	Diva Maria Pires Ferreira Gonçalves de Araujo	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1967	Eduarda Duvivier	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1967	Izabel Maria de Oliveira	opção de curso: desenho industrial
1967	Lia Monica Rossi	opção de curso: desenho industrial
1967	Maria del Carmen C.T. da Silva Zilio	opção de curso: desenho industrial
1967	Maria Lucia da Gama e Abreu Valladão	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1967	Maria Luiza Cisalpino Penna	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1967	Rosa Maria Mello da Matta	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1967	Roselie Tolentino Castro Rebelol	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1967	Rosangela Henry de Jorge	opção de curso: desenho industrial
1967	Suzana Hermes da Fonseca	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1968	Alba Lopes Godinho	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1968	Anita Holck Laplam	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1968	Carmen Mancini Brown	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1968	Claudia Glaser Dutra	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1968	Elayne Maria Fonseca	opção de curso: desenho industrial
1968	Gerusa Kohren	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1968	Helena Lucia Pereira	opção de curso: desenho industrial
1968	Lucia Maria Rodrigues Pimentel	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1968	Luciana Buarque Goulart	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1968	Maria Beatriz Afflalo Brandão	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1968	Maria Izabel Ferraz Rodrigues	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1968	Moema Sampaio Corrêa Mariani	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1968	Nina Esther Palatnik Ryfer	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1968	Silva Filgueiras Steinberg	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1968	Vera Bungarten	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1969	Eliana de Lemos Formiga	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1968	Helena Lucia Pereira	opção de curso: desenho industrial
1968	Lucia Maria Rodrigues Pimentel	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1968	Luciana Buarque Goulart	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1968	Maria Beatriz Afflalo Brandão	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1968	Maria Izabel Ferraz Rodrigues	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1968	Moema Sampaio Corrêa Mariani	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1968	Nina Esther Palatnik Ryfer	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1968	Silva Filgueiras Steinberg	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1968	Vera Bungarten	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1969	Eliana de Lemos Formiga	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1969	Halina Kramarz	opção de curso: desenho industrial
1969	Liana D'Urso de Souza Mendes	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1969	Maria Carmen Coelho de M.Ribeiro	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1969	Marina Hochman	opção de curso: desenho industrial
1969	Rita Franco do Amaral Tormin	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1969	Susana Bartolo	opção de curso: desenho industrial
1969	Suzana Valladares da Fonseca	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual
1969	Vera Maria Cavalcanti Bernades	opção de curso: programação visual ou (também chamado) comunicação visual